PLACAR
BY_J.L.L
Abril
ED. 1468 OUTUBRO 2020 R$ 19,90
TÁTICA NUNCA HOUVE UMA POSIÇÃO TÃO VOLÚVEL COMO A DE CENTROAVANTE — O CAMISA 9 NÃO PARA DE SE REINVENTAR
ENTREVISTA PIA SUNDHAGE, TREINADORA DA SELEÇÃO BRASILEIRA FEMININA: “PAGAMENTO IGUAL É ÓTIMO, AS MULHERES SÃO TÃO IMPORTANTES QUANTO OS HOMENS”
HISTÓRIA PLACAR ACOMPANHOU NOS ESTADOS UNIDOS A RECUPERAÇÃO DE TOSTÃO DEPOIS DA CIRURGIA NO OLHO, EM 1973
BATEU NA TRAVE
MESSI QUIS SAIR DO BARCELONA, MAS FOI ATROPELADO PELA REALIDADE NUA E CRUA DAS REGRAS DO MERCADO — E FICOU!
por Juan Villoro

SUPER
RESPONDE

DA ARTE DE EXPLICAR O MUNDO

O futebol só tem graça porque não se restringe ao gramado — ele ecoa para muito além do campo de jogo, das arquibancadas (vazias, agora, infeliz, mas necessariamente). Ultrapassa as fronteiras das transmissões de TV e dos comentários nas redes sociais e é o que é, apaixonante, porque desde os primórdios sempre foi espelho da vida. Evidentemente relembramos de grandes partidas, de resultados espetaculares, a memória como alimento de qualquer torcedor e de todo leitor de PLACAR. E, no entanto, não há esporte tão cativante porque, depois dos noventa minutos, ele é capaz de explicar o mundo, para tomar emprestado o título de um belo e fundamental livro de Franklin Foer. Ancorado nessa ambiciosa ideia, a de levar a civilização e seus humores para dentro de uma bola, PLACAR quis, nesta edição, atrair um par de profissionais das letras e do desenho, de modo a ampliar esse olhar.

A reportagem de capa é assinada pelo escritor e jornalista mexicano Juan Villoro, um dos principais autores de língua espanhola hoje. Nascido na Cidade do México, em 1956, sujeito de quase 2 metros de altura, estudou sociologia na Universidad Autónoma Metropolitana, foi professor de literatura na Universidad Nacional Autónoma de México e leciona como convidado em Yale, Princeton, Boston e na Universitat Pompeu Fabra, em Barcelona, onde passa a maior parte do tempo. Calhou de Villoro gostar muito de futebol e ser considerado um dos pensadores mais interessantes ao redor das quatro linhas. Quem, então, melhor do que ele para escrever sobre Lionel Messi e suas desventuras, ao tentar sair do Barça? Ao receber a encomenda de PLACAR para rabiscar um ensaio que faria parte da edição posterior ao especial dos 80 anos do Rei Pelé, Villoro nem piscou: *"Muchas gracias por su amable invitación"*.

O texto, que começa na página 12, é um legítimo exemplo do trabalho de Villoro, torcedor fanático de um time discreto do México, o Necaxa — tem bola nos pés para quem curte bola nos pés, mas também história, geopolítica, filosofia e psicologia. Ah, e se você quiser ir um pouquinho mais adiante na leitura do mexicano, três dicas, todas em português: *O Livro Selvagem*, de 2011, destinado ao público infantojuvenil; o adulto *Arrecife*,

Juan Villoro, um dos mais respeitados escritores do México, convidado a escrever o ensaio que é tema de capa desta edição

BASSO CANNARSA/LEEMAGE/AFP

de 2014; e *O Estádio dos Desejos*, uma pequena joia para crianças a partir de 6 anos, o lindo relato de uma seleção de um país imaginário que sofre com um único probleminha: não ganha nunca. E para que ganhar, se o que vale mesmo é todo o resto? É o que parecem dizer os cartuns de Milton Trajano (@miltontrajano, no Instagram), publicados em PLACAR de maio de 2001 a agosto de 2015. Trajano e seu traço, Trajano e suas ideias são tema de uma fascinante reportagem de Tato Coutinho, cujo pontapé inicial se dá na página 34. Villoro e Trajano fazem de suas atividades o que Messi faz com a pelota, simples assim. Boa leitura, boa diversão e até novembro. ■

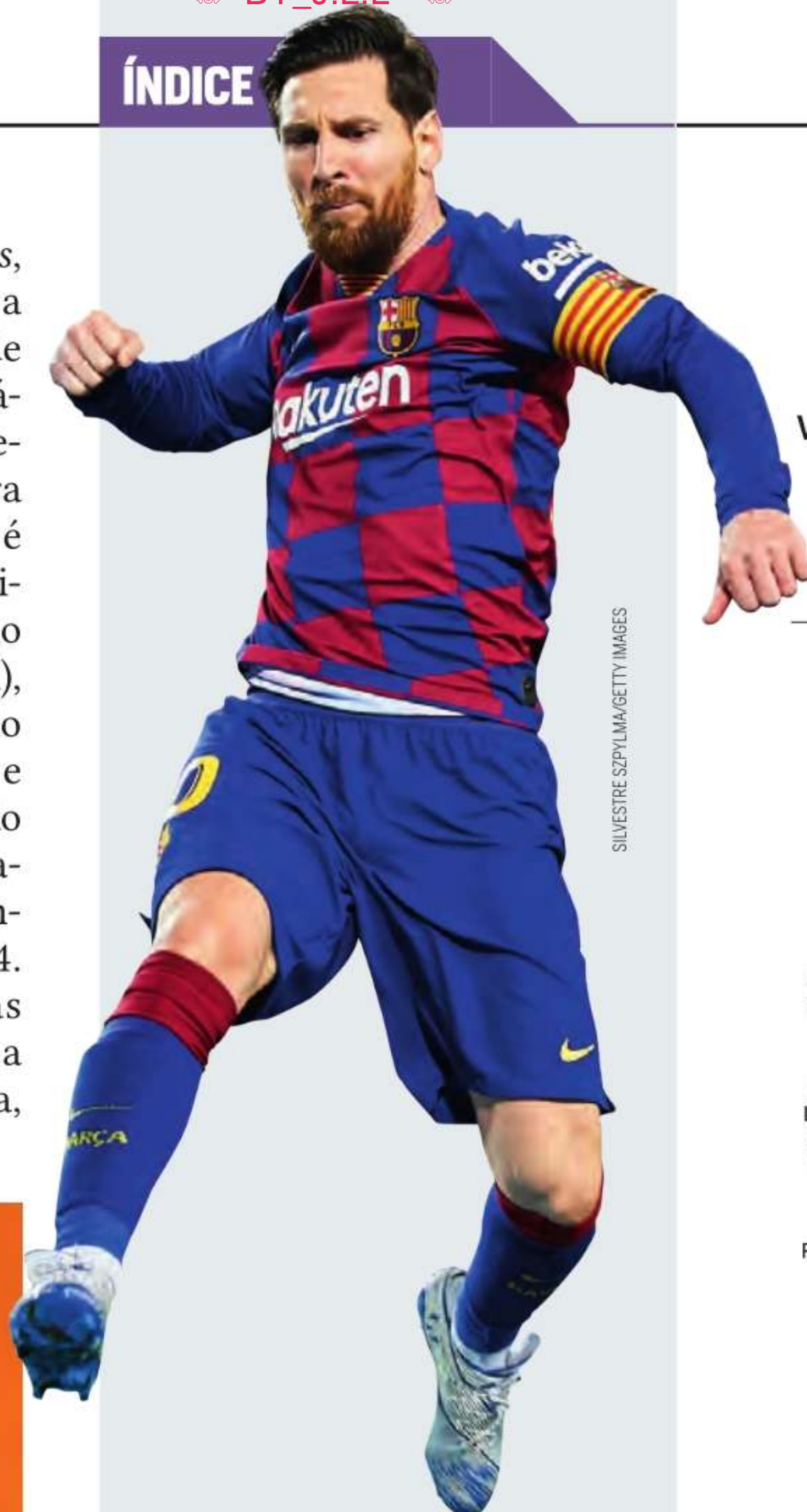
O desenhista Milton Trajano por ele mesmo: em PLACAR, de 2001 a 2015

revistaplacar

@placar

@RevistaPlacar

veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

SILVESTRE SZPYLMA/GETTY IMAGES

O craque argentino: ele quase foi, mas impasses legais impostos por contrato adiaram a saída

PRORROGAÇÃO

CAPA: GARETH CATTERMOLE/FIFA/GETTY IMAGES

EDITORA Abril
Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor Assistente: Luiz Felipe Castro
Repórter: Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editores de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Gabriel Grossi, Tato Coutinho, Álvaro Almeida, Ícaro Carvalho e Juan Villoro (texto); Pedros Lins (ilustração)

www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade) (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento), Marcelo Alberto Cohen (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), André Marini (Regionais e Governo). DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira OPERAÇÕES EDITORIAIS E MARKETING MARCAS Andrea Abelleira BRANDED CONTENT, EVENTOS E VÍDEO Sandro Ferreira Rosa PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Irvinng Lage ABRIL BIG DATA (Big Data + Seo + Mkt Digital + Advertising) Sérgio Rosa

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

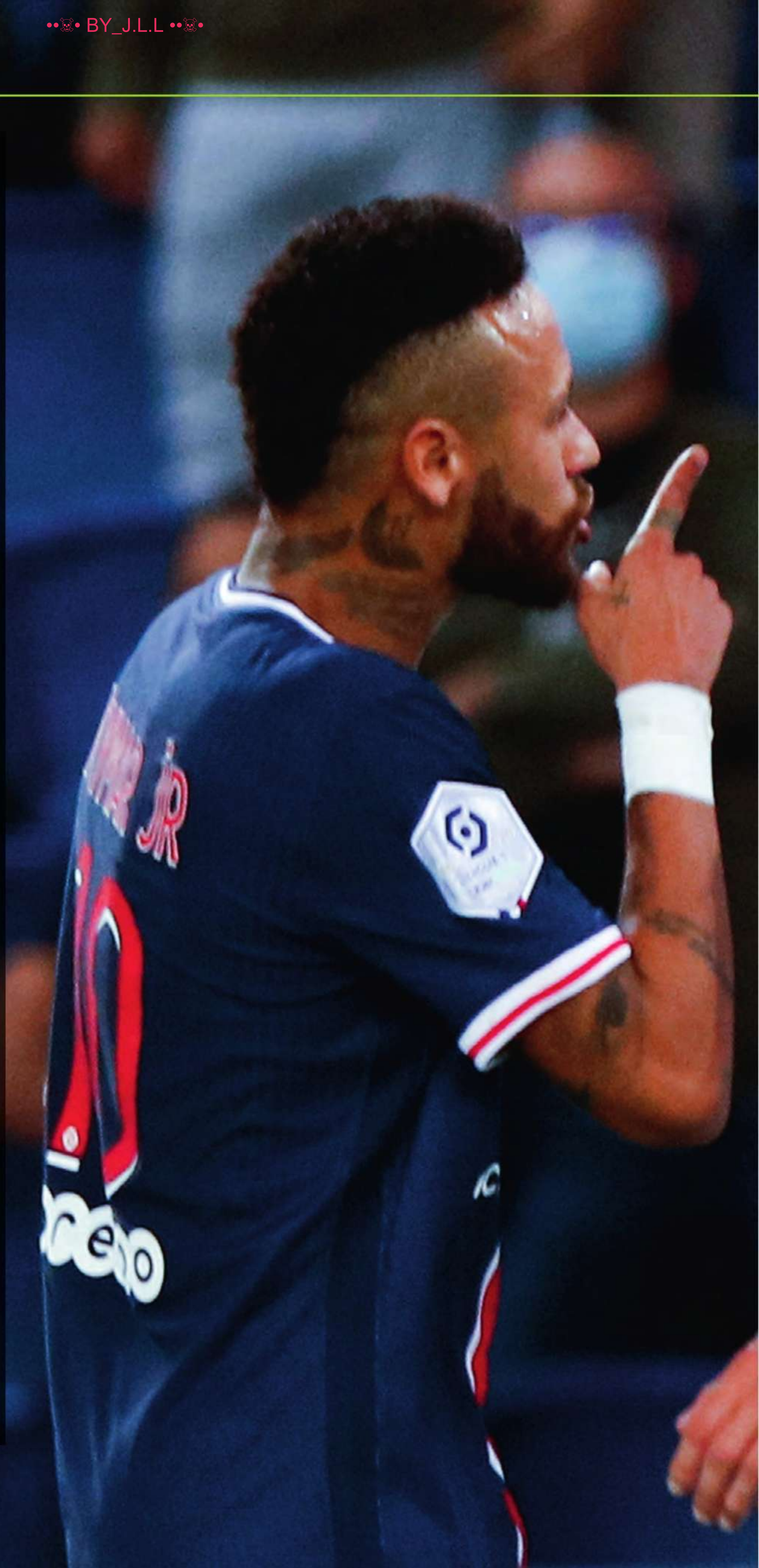
PLACAR 1 468 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

GRUPO Abril
www.grupoabril.com.br

"ASSUME O QUE TU FALA, MERMÃO!"

É bom acompanhar o crescimento de Neymar — aos 28 anos, é verdade, mas nunca é tarde. Nas finais da Champions League, em Lisboa, ele levou o PSG a um honroso segundo lugar, sem chiliques. De volta ao campeonato francês, o craque cresceu mais um tanto. Numa partida contra o Olympique de Marselha, Neymar foi expulso depois de ir para cima do zagueiro espanhol Álvaro González, a quem acusou de racismo. González teria chamado o brasileiro de "macaco". Nas redes sociais, Neymar assumiu postura firme contra o inaceitável preconceito, dando as mãos a atletas como o piloto da F 1 Lewis Hamilton, pole position da campanha Black Lives Matter. "Eu não te respeito! Você não tem caráter! Assume o que tu fala, mermão... seja homem, rapá! Racista!", escreveu o jogador no Instagram. Depois, baixou a bola, mas persistiu na toada contra a estupidez. "Sou negro, filho de negro, neto e bisneto de negro", postou. O menino está ficando adulto mesmo: em 2010, aos 18 anos, instado a dizer se fora vítima de racismo alguma vez, ele informou: "Nunca, nem dentro nem fora de campo. Até porque eu não sou preto, né?". A Federação Francesa de Futebol analisou imagens com apoio do recurso de leitura labial para entender claramente o que disse o espanhol — e também o que teria proferido Neymar ao levar o vermelho. Imagens de outro ângulo indicam um comentário homofóbico do ex-santista sobre o adversário. O veredicto: ambos foram absolvidos, por falta de provas. A moral dessa história toda: preconceito nenhum é aceitável. Tomara que Neymar esteja, de fato, aprendendo essa lição.

O LEGADO URUGUAIO

Messi ficou, mas **Luis Suárez** se foi para o Atlético de Madri. A torcida do Barcelona ensaiou algum muxoxo, mas não se pode dizer que tenha se revoltado com a transferência do uruguaio para uma equipe adversária. O legado de Suárez para a Catalunha é visível, dado o volume de troféus expostos na tarde da despedida no Camp Nou. Modesto, ele disse: **"Meus filhos me viram jogar ao lado de jogadores incríveis, me viram jogar ao lado do melhor da história, fazer gols, levantar troféus".**

MIGUEL RUIZ/FC BARCELONA/EFE

AO INFINITO E ALÉM

Não, não é o Buzz Lightyear. É Diego Armando Maradona protegido contra a pandemia do novo coronavírus, no banco do time que dirige, o Gimnasia Y Esgrima La Plata, da província de Buenos Aires. A imagem circulou pelas redes sociais e virou piada, dado o aparente exagero. Maradona ficou bravo e respondeu. "Os jornalistas criticam quando as pessoas não se cuidam, mas criticam também quando se cuidam. É preciso combinar", postou no Instagram. Ele está certo. "Vesti a máscara por obrigação e respeito aos mortos", disse.

Messi, hoje: Cristiano Ronaldo teria dominado o futebol em qualquer outra época, mas coube a ele ser Salieri em tempos do Mozart argentino

MICHAEL REGAN/FIFA/GETTY IMAGES

A NOVELA BLAUGRANA DE MESSI

O melhor jogador do mundo não merecia sair do Barcelona com o clube em ruidoso desmanche. A tragédia é que ficar seria ainda pior para ele. E foi isso que aconteceu

Juan Villoro

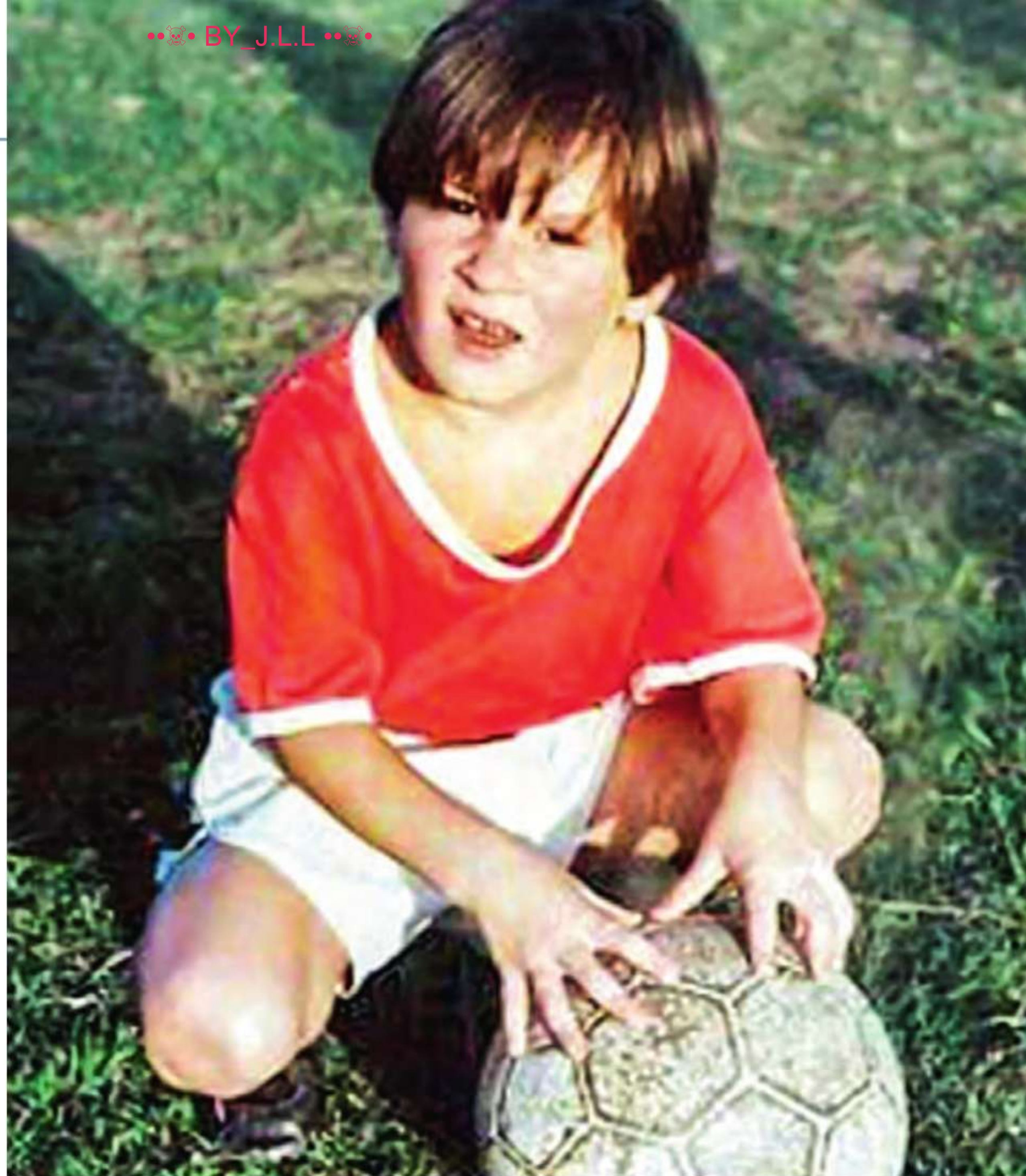
Em agosto de 2020, Lionel Messi anunciou seu desejo de abandonar o Barcelona. Desde a separação dos Beatles a cultura popular não passava por um sismo desse tamanho. "O sonho acabou", pensaram os fãs enquanto a notícia dava a volta ao mundo. Mas os jogadores vivem numa espécie de liberdade condicional e o melhor de todos não podia trocar de time sem pagar uma multa de 700 milhões de euros. A diretoria foi inflexível e Messi preferiu cumprir o ano que falta até que o contrato expire. Por mais uma temporada jogará no clube em que não quer estar, situação parecida com a de casais dos países socialistas que queriam divorciar-se, mas só podiam fazê-lo quando o Ministério da Habitação lhes garantisse mais um apartamento. O amor une, mas o ódio nem sempre separa.

O desgosto de Messi revela a decomposição interna de uma instituição que escolheu morrer de êxito. Desde que se transformou em um time vencedor o Barcelona vem sofrendo para administrar suas conquistas e cada vez mais se desgasta com brigas internas. Durante décadas o clube blaugrana foi vitimado pelo azar, pelo infortúnio. No dia 6 de junho de 1970, enfrentou seu maior rival, o Real Madrid, e o árbitro Emilio Guruceta assinalou pênalti em uma falta cometida 2 metros fora da área. Só um clube marcado pela desgraça passa por coisas desse tipo. A cultura catalã foi reprimida durante o franquismo, o idioma catalão foi proscrito, mas uma multidão encontrou refúgio no Estádio Camp Nou. O Barça pagou o preço de ser o representante dessa identidade rebelde. Manuel Vázquez Montalbán o descreveu como o "exército desarmado da Catalunha".

Segundo o escritor Javier Marías, nos anos 1960 o Barcelona era uma esquadra de "moral frágil", "caráter indeciso e atormentado", propenso à depressão, que quase desfrutava seu "destino torto". Ao mesmo tempo, seus apaixonados *culés* se referiam a esse "vitimismo" com uma mescla de queixa e orgulho. Tudo mudou no fim dos anos 1980 com o Dream Team dirigido por Johan Cruyff, que transformou os lamentos em sede de triunfo. O Barça e o Real Madrid se tornaram rivais com o mesmo poder, mas o clube merengue não foi o pior inimigo; de tempos em tempos, o Barça se suicida.

O vitimismo é o braço heroico do masoquismo. Queixar-se dos abusos pode ser tão satisfatório que muitos torcedores ficariam decepcionados se ele não se confirmasse. Quando não há problemas à vista, a diretoria do Barça se encarrega de criá-los. Em 2003, Joan Laporta assumiu a presidência do clube como um jovem advogado que se opunha à máfia de hoteleiros e construtores que haviam administrado a paixão em benefício próprio. Sua revolução começou com a contratação de Ronaldinho Gaúcho e culminou com o histórico Barça de Pep Guardiola. Nunca antes um clube havia ganho tantos títulos — nem de forma tão grandiosa. Como os sócios reagiram? Laporte foi submetido a uma moção de censura, não pôde terminar seu mandato e foi defenestrado por seu antigo aliado Sandro Rosell, que acabaria preso por irregularidades na contratação de Neymar. Mais tarde, na gestão de Josep Maria Bartomeu, a diretoria se eximiu das responsabilidades dos jogadores. Em 2016, Javier Mascherano foi condenado a um ano de prisão e Lionel Messi a 21 meses por uma milionária sonegação de impostos. Ambos se livraram da prisão porque as sentenças inferiores a dois anos podem ser pagas com multas.

MARCELO BOERI/EL GRAFICO/GETTY IMAGES

REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

O craque ainda em Rosário, na Argentina *(acima)*, uma das primeiras carteirinhas de inscrição na Federação Catalã de Futebol e o adolescente que já encantava treinadores e torcida *(à esq.)*: até aparecer em público com uma tatuagem barroca no braço direito (desenhada por ele mesmo), não se conhecia nenhuma extravagância além de enganar os adversários em campo e acumular troféus na estante de casa

FEDERACIÓ CATALANA
DE FUTBOL

15 FEB. 2002

TEMPORADA: 2001-2002

Nom del jugador LIONEL ANDRES

1r. Cognom MESSI

2n. Cognom

Club FUTBOL CLUB BARCELONA

FUTBOL CLUB BARCELONA * 1899 * F.C.B.

Signatura del jugador

Núm. 1001 Data de naixement 24 06 1987

Lionel Messi

DNI Núm. NIF

Com Maradona, depois da eliminação na Copa do Mundo de 2010: sem o carisma do camisa 10 que tinha *"la mano de Diós"*

DYLAN MARTINEZ

Os jogadores do Barça avançam contra o juiz depois de um pênalti inexistente contra o Real, em 1970: clube marcado pela desgraça

Obviamente, um time que pretende ser *més que un club* (mais que um clube, em catalão) teria de supervisionar seus atletas, acompanhar se todos os jogadores estão em dia com a Receita Federal. Em vez de prevenir o ilícito, o Barça se vitimizou mais uma vez e lançou a campanha "Todos somos Messi", como se os fatos fossem algum tipo de linchamento político. De maneira equivocada, a torcida foi chamada a apoiar um gênio da bola que, de forma assombrosa, ficaria à mercê de uma diretoria sem bússola apenas alguns anos mais tarde.

Messi chegou com 13 anos a La Masia, a escolinha de futebol do Barça. Duas décadas depois, é o maior jogador da história blaugrana. A constância de seus prodígios fez com que o ex-jogador e treinador argentino Jorge Valdano o descrevesse como "Maradona todos os dias" e o Cirque du Soleil aproveitasse suas acrobacias para criar o espetáculo *Messi10*. Diante de sua magia, os árbitros engolem o apito e os zagueiros lhe pedem um autógrafo. Cristiano Ronaldo teria dominado o futebol em qualquer outra época, mas coube a ele ser Salieri em tempos de Mozart.

Menos brilhante com sua seleção (apesar do vice-campeonato na Copa do Mundo de 2014, no Brasil), Messi encontrou no Barça o que parecia ser o refúgio onírico. Ninguém lhe atribuía outro destino. Numa época de jogadores que trocam de clube com grande facilidade, passam de um time para outro, jogam em seus países e se aposentam em Dubai, ele só queria movimentar-se no gramado. Mas não contava com os erros da diretoria presidida por Josep Maria Bartomeu. Em três anos consecutivos o time foi eliminado com goleadas na Uefa Champions League; a última delas, o quase inverossímil 8 a 2 contra o Bayern. Depois de pagar 975 milhões de euros em contratações, o clube não ganhou um único título em 2020. Messi havia sugerido outros reforços e a recontratação de Neymar, mas ninguém lhe deu bola. O pior aconteceu no dia 17 de fevereiro deste ano. As flores do Dia dos Namorados ainda não haviam murchado quando a rede de TV Cadena Ser revelou que Bartomeu havia contratado a empresa 13 Ventures para lançar uma campanha nas redes sociais contra os líderes do vestiário (Messi e Piqué) e outras figuras históricas do clube, como Xavi Hernández, Carles Puyol e Pep Guardiola. O plano consistia em desgastar a imagem dos heróis e salvar a pele do presidente, que recebia elogios nas postagens. Como se pode imaginar, os supostos envolvidos negaram as acusações, mas ficou (sim) comprovado que a 13 Ventures recebeu 1 milhão de euros do clube para desenhar estratégias de comunicação digital. Seis diretores se demitiram. O drama da traição chegou a um nível shakespeariano. Tal qual Ricardo III, Bartomeu achou que se manteria no poder liquidando aliados.

Em agosto, o Barça viajou para Lisboa acompanhado de uma nuvem negra. O desmanche interno era mais ameaçador do que os rivais em campo. Foi nessas condições que o time sucumbiu ao Ba-

Em agosto, o primeiro jogo depois de dizer adeus: mais um ano até poder chegar à terra prometida do Manchester City

yern. A derrota precipitou a queda do treinador Quique Setién, considerado muito pouco firme, e a chegada de Ronald Koeman, ex-integrante do esquadrão lendário de Cruyff. A torcida se lembra dele principalmente pelo genial gol que garantiu a primeira Champions, em 1992, no Estádio de Wembley, em Londres, contra a Sampdoria, da Itália. Como treinador, sua estrela não brilhou quase nada. Começou bem com o Ajax, mas teve resultados magros com o Benfica, o Valencia, o Southampton e o Everton. Muitos clubes, poucas conquistas. Sua contratação parecia responder ao impulso sentimental de trazer de volta um pupilo de Cruyff. Mas o filho pródigo regressou com a faca entre os dentes. Sua primeira decisão, certamente combinada com a diretoria, foi mandar embora Luis Suárez, centroavante impecável e o melhor amigo de Messi no elenco *(leia na pág. 8)*. O camisa 10 não aguentou mais e mandou um fax à diretoria dizendo que ia embora.

O melhor jogador do mundo não merecia sair assim; a tragédia é que ficar seria ainda pior para ele. E foi isso que aconteceu. O drama se "resolveu" de forma burocrática, por questões contratuais insolúveis. Num artigo sobre o assunto, John Carlin citou (de maneira muito oportuna) T.S. Eliot: "O mundo não termina com um estrondo, mas com um gemido". O dramático se tornou patético. Lionel Messi veio de Rosário, cidade famosa por ser terra de conhecidos iconoclastas. Ali nasceram o Che Guevara, o músico de rock Fito Páez e dois grandes estudiosos do futebol, os treinadores César Luis Menotti e Marcelo Bielsa. Os torcedores locais se vangloriam de ser os mais furiosos do mundo. Certa vez, peguei um táxi em Buenos Aires para ver o clássico entre Boca Juniors e River Plate. Falei sobre isso com o motorista e disse a ele que, como mexicano, me chamava muita atenção a paixão agressiva dos *barras bravas* argentinos. O taxista, que era de Rosário, desprezou meu comentário. Para ele, os torcedores de River e Boca não passam de aprendizes: "Nós nos odiamos muito mais!", exclamou com orgulho, referindo-se à tensão que envolve as partidas entre o Rosario Central e o Newell's Old Boys.

BERNARDO DE NIZ/MEXSPORT/AFP

A celebração do primeiro gol pela equipe principal, em 2005, depois de um passe de Ronaldinho Gaúcho: ele nunca pensou em ter outra autoridade senão a de seus feitos

Messi vem desse intenso mundo de Rosário, mas traz o carnaval dentro de si. Sua expressão facial mais intensa é um sorriso tímido. Falta-lhe o carisma de quem nasceu na periferia, como Maradona, com sua habilidade para lançar frases desafiadoras: "Me cortaram as pernas", "A bola não se mancha" e, a mais conhecida de todas, "Foi a mão de Deus". A introspecção do rosariano é tão grande que quase se confunde com o autismo. Até aparecer em público com uma tatuagem barroca no braço direito (desenhada por ele mesmo), não se conhecia nenhuma extravagância além de enganar os adversários em campo e acumular troféus na estante. Quando Maradona lhe pediu para ser o capitão da seleção argentina, ficou claramente incomodado com a responsabilidade, como um adolescente que é levado a um bordel para o rito primitivo de "se tornar homem". O gosto infantil que transmite ao jogar não combinava com as obrigações de quem deve incomodar e dar broncas nos companheiros (sobretudo numa seleção em que nunca se sentiu tão confortável quanto no Barça). Em seus anos como profissional nunca sonhou em ter outra autoridade senão aquela que seus feitos lhe conferem. Mas mesmo alguém tão alheio às conspirações, às negociações de bastidores e às pressões da mídia acaba por se converter em um rebelde. Sua discordância é a de um competidor nato que não pode triunfar por causa das decisões equivocadas da diretoria. No Manchester City de Guardiola, onde joga seu amigo Kun Agüero, teria um ambiente mais propício, mas precisará esperar um ano para chegar a essa terra prometida.

A decadência do Barça não se forjou no gramado, mas no escritório do presidente. Um sintoma grave do vírus que ameaça o futebol. ■

A ETERNA RENOVAÇÃO DO CAM

O homem de referência, que tem só o trabalho de empurrar a bola para o gol, é coisa do passado. O centroavante é posição que não para de se reinventar

Alexandre Senechal

Futebol é bola na rede. E ninguém mais que o centroavante é a esperança de gol. Mas poucas funções vêm sofrendo tantas alterações quanto a do camisa 9. Não é de hoje que muitos times e seleções deixaram de ter aquele "homem de referência", o artilheiro, implacável como o francês Just Fontaine em 1958, ou o alemão Gerd Müller em 1970, o matador, o cara que prendia os zagueiros adversários à espera de a pelota chegar. Nem só de Vavás, Eusébios, Dadás Maravilha, Robertos Dinamite e Van Bastens vivem as equipes.

PETER ROBINSON/PA IMAGES/GETTY IMAGES

Cruyff com o treinador Rinus Michels no Barcelona dos anos 1970: lá na frente, só para confundir

ISA9

HEIDTMANN/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

O alemão Gerd Müller na Copa de 1970: dez gols, isolado na frente, decisivo — o avesso do que fazia, por exemplo, Tostão na seleção brasileira

Há quase 100 anos, na década de 20, o austríaco Matthias Sindelar surpreendia os adversários por sair da referência e se movimentar nas costas dos volantes. Na Copa de 1954, o húngaro Nándor Hidegkuti compensava a falta de corpulência para enfrentar os adversários com a inteligência, abrindo espaço para Sándor Kocsis e Ferenc Puskás fazerem a infiltração e marcarem — a seleção magiar, mesmo tendo perdido a final, encanta o mundo até hoje.

O Brasil também tem bons exemplos dessa adaptação tática. Em 1970, Tostão, o camisa 9, fez a função de "falso 9", embora a nomenclatura não fosse comum à época. No Cruzeiro, ele era o camisa 10, o ponta de lança que chegava à área. No Mundial do México, atuou como atacante, mas saía para criar as jogadas e se movimentava muito mais do que um centroavante clássico. Quatro anos depois, na Copa da Alemanha, a Holanda terminaria com o vice-campeonato tendo Johan Cruyff como o homem mais à frente — mas ele, gênio, usava a camisa 14 e atacava e defendia com igual competência *(leia mais sobre o futebol total holandês na pág. 52)*. No entanto, só para confundir e para comprovar a permanente revolução tática, no Barcelona ele ostentaria a 9. "O Cruyff era o centroavante, porém estava em todo lado do campo. Você pode ter, em uma mesma posição, jogadores de características diferentes", disse Tostão, hoje colunista do jornal *Folha de S.Paulo*, para a edição de maio de PLACAR.

NOVES FORA, UMA PEQUENA HISTÓRIA DA POSIÇÃO

As diversas versões do centroavante ao longo do tempo (com a ressalva de que nem sempre o 9 era ou é o número às costas)

o 9 clássico

Passado:
Marco van Basten
Holandês
Meados dos anos 1980 a meados dos anos 1990
Ajax, Milan e seleção da Holanda

Presente:
Robert Lewandowski
Polonês
Bayern e seleção da Polônia

Futuro:
Luka Jovic
Sérvio
Real Madrid e seleção da Sérvia

Participa menos das jogadas, mas pode sair da área para ajudar a segurar a bola em alguns momentos, como pivô. É a grande preocupação dos zagueiros, segura defesas (muitas vezes mais de um marcador) e, claro, faz gols

KEYSTONE-FRANCE/GAMMA/GETTY IMAGES

O francês Just Fontaine carregado pelos companheiros: treze gols numa única edição de Copa do Mundo, em 1958, marca que até hoje não foi igualada — e dificilmente será

Em 1994, sob o comando de Carlos Alberto Parreira, o Brasil ganhou o tetra com uma dupla de atacantes (Romário e Bebeto) que não guardavam posição e infernizavam as defesas adversárias justamente pelo enorme repertório de jogadas — por mais que o Baixinho tenha sido muito decisivo, marcando gols como um 9 clássico, até de cabeça contra os “gigantes” da Suécia. Anos mais tarde, em 2005, Parreira afirmou que o esquema do futuro seria o 4-6-0. “O importante não é o número de atacantes, é ter jogadores polivalentes, que sabem fazer todas as funções”, disse. A Espanha foi campeã da Eurocopa-2012 assim: os meias Cesc Fàbregas, David Silva e Andrés Iniesta eram o trio de ataque.

Para entender a realidade dos centroavantes no futebol de hoje, PLACAR fez uma parceria com o site Footure, dedicado a estudar o futebol no Brasil e no mundo (e cujo lema é “pense o jogo”). O resultado, como você vê mais detalhadamente nos gráficos que acompanham esta reportagem, são quatro funções principais que os camisas 9 modernos desempenham.

● **O 9 clássico,** como o polonês Robert Lewandowski, do Bayern de Munique. Mesmo jogando como pivô e eventualmente saindo da área para ajudar na construção de jogadas, o fato é que ele marcou 55 gols na última temporada europeia e é justamente isso que o põe como favorito para ganhar o prêmio de melhor do mundo em 2020.

● **O já citado falso 9,** para muitos uma função consagrada pelo técnico Pep Guardiola quando pôs o argentino Lionel Messi como ata-

Passado:
Tostão
Brasileiro
Meados dos anos 1960 a meados dos anos 1970
Cruzeiro, Vasco e seleção brasileira

Passado:
Matthias Sindelar
Austríaco de origem checa
Anos 1920 e 1930
Hertha Vienna, Austria Viena e seleção da Áustria

Presente:
Lionel Messi
Argentino
Barcelona e seleção da Argentina
Um jogador com a função de sair da área para ajudar na criação, liberar os espaços para os pontas se infiltrarem e, claro, vir de trás para marcar. É antes de tudo um criador, mas também um finalizador de jogadas

Futuro:
Kai Havertz
Alemão
Chelsea e seleção da Alemanha

FOTOS GETTY IMAGES; GERALDO GUIMARÃES

cante pelo centro num clássico contra o Real Madrid, em 2009, em que o Barcelona aplicou impiedosos 6 a 2.

- **O 9 de movimentação,** especialista em atacar espaços nas costas da defesa, como foi Ronaldo Fenômeno no auge.
- E a junção de todos eles, **o 9 completo,** capaz de fazer tudo isso num mesmo jogo, papel que o francês Karim Benzema cumpriu com perfeição no Real Madrid após a saída de Cristiano Ronaldo para a Juventus.

"Tostão, Cruyff e outros eram centroavantes que faziam muito mais do que só prender os zagueiros perto da área", resume Gabriel Corrêa, editor do Footure. "Talvez faltasse aos analistas um maior entendimento para explicar o trabalho deles em campo." Mairon Rodrigues, analista de desempenho e de mercado do Footure, completa: "Messi, Firmino e Benzema, entre outros, se movimentam para criar espaços e oportunidades para os companheiros".

Renato Rodrigues, comentarista da ESPN Brasil e analista do DataESPN, é outro que vê muito mais futuro para esses atletas do que para os 9 clássicos. "Não acredito mais nesse tipo de centroavante. Em alguns centros eles podem até continuar fazendo a diferença, mas não no nível mais alto do futebol. As equipes precisam cada vez mais de jogadores construindo no ataque e ajudando na defesa, como Gabriel Jesus faz muito bem no Manchester City." Guardiola, que hoje comanda o time inglês, concorda. "O número de coisas que ele pode oferecer, com e sem a bola, é fantástico. É difícil achar jogadores como ele no mundo." Com uma ressalva: Tite quis Jesus assim na Copa de 2018, mas não funcionou. Ele pouco ajudou e nem sequer marcou gols.

"O futebol é cíclico e repete tendências do passado", diz Rafael Oliveira, comentarista da Band e do canal por streaming DAZN. Segundo ele, Benzema e seus deslocamentos laterais podem ser comparados ao que Bebeto fazia pelo Brasil — da mesma forma que Roberto Firmino, do Liverpool, recua para buscar jogo tanto quanto Romário, na seleção do tetra. "Isso só mostra a importância do talento dos jogadores. Podemos até usar expressões novas pa-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

O 11 Romário e o 7 Bebeto, infernais na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos: o técnico Parreira definiu, anos mais tarde, o 4-6-0 como "o esquema do futuro"

o 9 de movimentação

Passado:
Ronaldo
Brasileiro
Meados dos anos 1990 até 2011
Cruzeiro, PSV Eindhoven, Barcelona, Internazionale, Real Madrid, Milan e Corinthians

Presente:
Timo Werner
Alemão
Chelsea e seleção da Alemanha

Futuro:
Erling Haaland
Norueguês
Borussia Dortmund e seleção da Noruega
Joga mais avançado e não recua tanto para armar as jogadas como o falso 9. Leve, rápido, especialista em achar espaço nas costas dos zagueiros. Ótimo para puxar contra-ataques

FOTOS GETTY IMAGES

Gabriel Jesus na Copa de 2018: Tite queria tê-lo como atua no Manchester City de Guardiola, mas não funcionou

ROBBIE JAY BARRATT/AMA/GETTY IMAGES

ra definir o que acontece no jogo, mas esses conceitos não foram inventados agora", afirma Oliveira.

O "cone" perdeu espaço e o camisa 9 precisa ser mais completo nas equipes de elite. Mas não há um perfil único para ocupar a posição. Há centroavantes de tamanhos, pesos e estilos diferentes, que cumprem funções específicas, conforme as características de seus companheiros de time. Firmino especializou-se em abrir espaço para Mohamed Salah e Sadio Mané, os pontas do time de Jürgen Klopp, serem os artilheiros — e a torcida só tem a festejar, após as conquistas da Champions League e da Premier League. Com 1,81 metro, o brasileiro está longe de ser pequeno, mas tampouco pode ser classificado de rompedor contra zagueiros cada vez mais altos.

Já o grandalhão Erling Haaland, norueguês de 1,94 metro, sabe usar o corpo para ser a referência do Borussia Dortmund, e é uma grande promessa para se tornar o 9 de movimentação do futuro. "Não é porque um atacante é leve que ele é um falso 9. Ele pode ser pequeno e saber jogar como pivô, ou ser alto e bom de movimentação, como Haaland e Timo Werner *(o alemão do Chelsea)*", diz Gabriel Corrêa. Por fim, Messi, "baixinho" de 1,70 metro, voltará a ser o falso 9 do Barcelona, com a decisão do técnico Ronald Koeman de liberar Luis Suárez para o Atlético de Madri. Messi tem todas as condições de incomodar os adversários, dar assistências e, claro, também fazer muitos gols. Como deve ser um bom centroavante em 2020. ■

O 9 completo

Passado:
Thierry Henry
Francês
Meados de 1990 a 2014
Monaco, Juventus, Arsenal, Barcelona e seleção da França

Presente:
Karim Benzema
Francês
Lyon, Real Madrid e seleção da França
É como a soma de todos os outros 9. Pode sair da área para criar, se movimentar nas costas da defesa em velocidade, jogar pelos lados do campo ou, simplesmente, finalizar as jogadas

Futuro:
Mason Greenwood
Inglês
Manchester United e seleção da Inglaterra

“TU VENS, TU V

A sueca Pia Sundhage, a vitoriosa treinadora da seleção feminina, é a cara de uma louvável pequena revolução no futebol brasileiro a caminho da igualdade entre mulheres e homens

Luiz Felipe Castro, Alexandre Senechal e **Fábio Altman**

Houve uma única grande notícia para o futebol brasileiro neste tristemente histórico 2020 da pandemia: em setembro, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) seguiu uma tendência mundial e igualou o pagamento de diárias e premiações para os jogadores e jogadoras das seleções brasileiras masculina e feminina. Disse o presidente da CBF, Rogério Caboclo, ao anunciar a novidade: “Não haverá mais diferença de gênero. O que elas recebem por diária nas convocações, nas premiações, inclusive em Copas do Mundo, será o mesmo valor dos homens. Na Copa, será igual proporcionalmente ao que a Fifa oferece. A CBF está tratando homens e mulheres de forma equânime”. A CNN americana resumiu a decisão com didatismo, algum exagero, mas perfeita adequação ao histórico passo: “Neymar e Marta agora vão ganhar a mesma coisa”. Não será assim, evidentemente, até porque ela caminha para pendurar as chuteiras de vez, mas do ponto de vista simbólico foi um gol de placa. Houve ainda uma outra definição relevante, a ser comemorada. Pela primeira vez, a CBF terá um departamento completo voltado para o futebol feminino. A dupla Aline Pellegrino e Duda Luizelli, ambas ex-jogadoras e dirigentes da Federação Paulista de Futebol e do Internacional, respectivamente, cuidará da estrutura por completo do futebol feminino, incluindo as seleções nacionais — antes, toda a engrenagem era comandada por Marco Aurelio Cunha, que foi demitido. A mudança foi um pedido da treinadora Pia Sundhage.

Não há personagem mais interessante no futebol brasileiro, hoje, do que a sueca de 60 anos. A ex-atacante rápida e habilidosa se transformou, ao fim da carreira como atleta, numa das mais respeitadas técnicas do mundo, dona de três medalhas olímpicas: duas de ouro com os Estados Unidos, em 2008 e 2012, e uma de prata com a Suécia, em 2016. Pia é reconhecidamente uma estudiosa da história do esporte, dos esquemas de jogo, e também do que vai na cabeça das jogadoras. Ao lado de seu indefectível diário, ela não para de anotar o que vê aqui e ali, o tempo todo — e da letra miúda brotam ideias grandes. Carismática, de simpatia quase infinita, ela fez rir e chorar muita gente em setembro, em um pequeno vídeo postado nas redes sociais em que cantava (bem, e em português claro) um dos clássicos de Alceu Valença, *Anunciação:* “Tu vens, tu vens, eu já escuto seus sinais”. Dedilhando as cordas do violão, Pia conta: “A primeira vez que ouvi essa música foi durante uma reunião da comissão técnica, e cada um de nós tinha de escolher uma música, e o Miguel *(Miguel Ernesto, supervisor)* escolheu ‘Tu vens, tu vens’. E alguma coisa aconteceu naquela sala. Todo mundo sabia a música, com exceção de mim e da Lillie, auxiliar técnica sueca, e ela não sabe cantar. E eu soube que era a nossa canção”. Pia, de brincadeira, mudou um trecho da canção, enfiou um “set pieces, set pieces” (bola parada, em inglês) e fez da toada um recurso de incentivo para a equipe. A treinadora conversou com a reportagem de PLACAR sobre a reviravolta financeira, a pequena revolução deflagrada, e sobre outros temas que ajudam a reconstruir a narrativa demasiadamente ancorada no preconceito.

O que significou, do ponto de vista de igualdade, a decisão da CBF de igualar os vencimentos de homens e mulheres? Pagamento igual é ótimo. É um modo de dizer o seguinte: todas vocês, mulheres, são tão importantes quanto os homens. O futebol feminino tem recebido uma atenção relevante. Trata-se de uma virada de jogo necessária. E é também contagiosa. É o que tem acontecido em outras partes do mundo. O que posso dizer? Obrigada, CBF.

Qual é a melhor forma de encerrar, de uma vez por todas, a impressão de que futebol é coisa de meninos? Se formos generosos e compartilharmos boas histórias sobre o fu-

tebol feminino — repetidamente, com insistência —, as pessoas entenderão a importância da modalidade para a sociedade e todos seremos vencedores. Vamos criar uma sociedade acolhedora e compreensiva. E não só isso. A menina jovem poderá ter os mesmos sonhos que o menino. É um bom começo de vida, não é?

É. No Brasil, a discrepância entre elas e eles é, para dizer o mínimo, constrangedora. O teto salarial para as jogadoras de Corinthians e Santos, os dois clubes brasileiros mais vitoriosos no futebol feminino nos últimos anos, era de 6 000 reais mensais até o ano passado. O menor salário de um profissional do elenco masculino corintiano era 50 000 reais, oito vezes maior. A situação brasileira só não é pior graças a obrigações impostas por lei. O Profut, programa de renegociação de dívidas de clubes de futebol com a União, prevê que os times tenham um investimento mínimo no futebol feminino. A CBF e a Conmebol agora exigem a manutenção de uma equipe de mulheres para que os times masculinos possam disputar seus campeonatos. Com isso, 52 clubes brasileiros competem nas duas divisões do campeonato nacional feminino. Há, enfim, avanços.

MIKE HEWITT/FIFA/GETTY IMAGES

A bicampeã olímpica pelos Estados Unidos: "Vamos criar uma sociedade acolhedora e compreensiva"

"Todos pensam que nós, mulheres, devemos ficar contentes com as migalhas que recebemos", disse certa vez a lendária tenista americana Billie Jean King, ex-número 1 do mundo. "O que eu quero é que todas nós possamos comer o bolo, a cobertura e até a cerejinha do topo." E, então, soará sempre coerente enxergar o futebol como Pia — sem apartar os universos, o feminino e o masculino.

A senhora já disse ter quebrado as regras e mudado as atitudes dos grupos que treinou. Como? Um recurso muito bom para manter a boa atmosfera e melhorar o desempenho é alimentar o permanente feedback — se entendemos o que está acontecendo entre duas pessoas, há sempre caminho para melhora. Um exemplo: falamos muito, durante os treinamentos e fora deles, sobre os cruzamentos na área, as dificuldades, os erros e acertos.

O que a senhora acabou de anotar no diário, parceiro de todas as horas? Costumo escrever três coisas: (1) o que fiz de bacana hoje? Bom trabalho, Pia! (2) O que não foi muito bom? Tente melhorar, Pia! (3) O que te fez rir? Lembre-se da diversão e aproveite a vida, Pia!

O que *Anunciação*, de Alceu Valença, anunciou para a senhora e as jogadoras da seleção brasileira? A música move as pessoas e as reúne de forma agradável. As letras de uma canção significam muito para muitas pessoas, e naturalmente para o nosso time. Esperamos, como anunciação, algo "grande", uma mudança, e queremos fazer parte dessa movimentação. Poder na Olimpíada do ano que vem ter uma atitude positiva, um olhar novo e diferente para o futebol. E a música, reconheço, tem sido ótima professora de português para mim. ■

A tarde de sol no Allianz:
a sombra ruim do egoísmo e da irresponsabilidade de dirigentes alheios aos protocolos combinados

O PALCO DA VERGONHA

Por pouco, muito pouco, o clássico entre Palmeiras e Flamengo não levou o Brasileiro para os tribunais de Justiça. O risco de "tapetão" foi evitado, mas não diminuiu a tensão entre cartolas. Exemplar dentro de campo, o time carioca se tornou o vilão dos bastidores

Luiz Felipe Castro

Em setembro, PLACAR *decidiu acompanhar um dos jogos sem torcida do Brasileirão, em plena pandemia do novo coronavírus, para mostrar, em texto e fotos, como é a rotina de um estádio em tempos de isolamento. Calhou de a partida escolhida ter sido o clássico Palmeiras e Flamengo, que se transformou em exemplo de como o egoísmo, atrelado a interesses de uns poucos, e não do coletivo, pode estragar o futebol*

Allianz Parque, 15h39 de 27 de setembro, domingo de muito sol. Naquele momento, os jogadores do Flamengo chegavam esbaforidos ao estádio paulistano, rumo ao vestiário — os palmeirenses, já no gramado, se aqueciam, como se nada acontecesse. Nem mesmo os profissionais da TV Globo, que transmitiria o jogo, sabiam o que estava por vir — havia real possibilidade de a partida não acontecer, como resultado da guerra de liminares. No Rio, os técnicos da emissora já estavam preparados para levar ao ar um filme qualquer de ação ou comédia. Mas, enfim, um pouco antes das 16 horas, chegou a boa nova: uma decisão de última hora do Tribunal Superior do Trabalho (TST) acatara um pedido da Confederação Brasileira

KAIO LAKAIO

ANDERSON LIRA/FRAMEPHOTO

de Futebol (CBF). A bola rolaria, com vinte minutos de atraso. O *Hino Nacional* foi solenemente desrespeitado, com os atletas rubro-negros ainda aquecendo. O empate em 1 a 1, celebrado pelo jovem time do Flamengo, que tinha dezenove desfalques contaminados pela Covid-19, ficou em segundo plano. Nem mesmo a atuação brilhante do jovem goleiro Hugo Neneca, de 21 anos, que evitou gols do Palmeiras e emocionou a todos ao homenagear seu pai, morto há seis meses, em sua estreia na elite, evitou o sentimento de vexame.

Houve futebol, e só ele evitou o pior: graves precedentes jurídicos que poderiam melar o campeonato. Ao retornar do Equador, em duelo pela Libertadores contra o Independiente del Valle, o clube carioca registrou a contaminação pelo vírus de ao menos 41 funcionários, incluindo dezenove atletas e o presidente do clube, Rodolfo Landim. A partir daí, o Flamengo, justamente quem mais acelerou o retorno do futebol, acionou o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) e a própria CBF para tentar adiar o seu próximo jogo, alegando prejuízo técnico e risco de contaminação ao adversário. O pedido foi rejeitado com base no regulamento que prevê a realização das partidas caso as equipes tenham no mínimo treze atletas saudáveis. Entrou em cena até o Sindeclubes, o sindicato dos clubes do Rio, presidido por José Pinheiro dos Santos, que vem a ser funcionário da segurança do Flamengo. Sua ação civil pedindo o adiamento foi aceita por tribunais trabalhistas, o que revoltou rivais. "Há um acordo de cavalheiros, não se entra na Justiça Comum. Foi uma atitude nojenta", afirma o diretor de um grande clube do país. Sergio Sette Camara, presidente do Atlético-MG, chegou a sugerir a exclusão e o rebaixamento do Flamengo, uma bravata, diga-se, sem sustentação jurídica. "O Flamengo foi irresponsável e botou todo o sistema em risco", disse a PLACAR um dirigente da Confederação Brasileira de Futebol.

Nos bastidores, o clube mais popular do país, conhecido como o "mais querido" por seus quase 40 milhões de torcedores, é hoje um agente isolado e visto como arrogante, para dizer o mínimo. É natural que o time dominante — no caso, o atual campeão da Libertadores e do Brasileirão — não goze de simpatia dos rivais. Além disso, a prática de só olhar para o próprio umbigo costuma ser a regra

INSTAGRAM @DRTANNURE

A bela atuação do goleiro Hugo, do Flamengo, no empate em 1 a 1, salvou o futebol numa jornada melancólica, que sempre será mais lembrada pela tentativa dos cartolas do clube carioca de evitar a partida; acima, Bolsonaro com o presidente Rodolfo Landim

entre os dirigentes. Ainda assim, há um consenso entre os pares que o Flamengo vem "cruzando a linha", sobretudo por causa de suas ligações com poderosos.

A vergonhosa tarde de setembro, no Allianz, foi o apogeu de uma tragédia anunciada. Como retomar o futebol durante a crise sanitária? Por que não seguir os rigores da NBA, que criou sua bolha na Disney, ou da Uefa, que pôs as finais da Champions League em Lisboa? No Brasil, a saída foi fazer tudo a toque de caixa. Houve entreveros durante reuniões virtuais dos vinte clubes da Série A, suas respectivas federações e a CBF para discutir a (insana) possibilidade de retorno de torcedores aos estádios em meio à pandemia que, como o próprio time do Flamengo comprova, não terminou. Tanto o governo municipal quanto o estadual do Rio de Janeiro já haviam autorizado a abertura parcial de suas arquibancadas, mas praticamente todos os participantes do debate concordaram que a retomada deveria se dar de forma isonômica, ou seja, em todos os onze estados envolvidos, e só depois da aprovação das devidas autoridades sanitárias. As exceções foram o Flamengo e a federação carioca, a Ferj, cujo presidente, Rubens Lopes, bateu boca de forma ríspida com o mandatário da CBF, Rogério Caboclo, pondo fim à reunião. "Não seremos reféns de um time", esbravejou Caboclo. Dois dias depois, a CBF marcou nova reunião à qual apenas Flamengo e Ferj faltaram. A guerra estava armada.

Segundo o presidente de um influente clube, os últimos acontecimentos "estremeceram totalmente as relações" e, inclusive, tiveram um efeito colateral: a união de todos os outros dezenove na busca por "baixar a bola" do Flamengo. Outro episódio foi lembrado: em julho, o Flamengo brigou pelo direito de transmitir a final da Taça Rio mesmo sendo visitante — o que rasgaria não apenas o regulamento do torneio como também a Medida Provisória 984, que ele próprio articulou junto ao governo federal. "Ali, eles começaram a perder uma posição de respeito", diz o presidente de um clube da série A. Também pesam contra a imagem do clube carioca sua postura em episódios como o trágico incêndio no Ninho do Urubu, que matou dez jovens das categorias de base em fevereiro de 2019, e a recente demissão de um fotógrafo — desligado por ter retratado os atletas sem máscara no voo de volta do Equador, horas depois de o próprio presidente do clube, Rodolfo Landim, ter minimizado o ocorrido.

A soberba do mandachuva tem causado atritos com membros do clube e até com seus familiares. Landim, que passou a semana com tosse, de cama, também foi repreendido pela mulher por ter viajado em plena pandemia. Outra decepção vem de Brasília: o presidente Jair Bolsonaro esperava maior apoio do Flamengo na luta pela aprovação da chamada "MP do Mandante", que alterou as regras dos direitos de transmissão e que acabou enfurecendo o inimigo comum, a Globo. A medida é desprezada por quem decide, o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia. Desprestigiado, o Flamengo rejeita reconciliações. "O Flamengo está obtendo êxitos esportivos e financeiros, é normal que seja combatido. Há muita inveja", debocha o vice-presidente jurídico, Rodrigo Dunshee. Em campo, onde mais importa para o torcedor, de fato, o time segue merecendo elogios. Fora dele, há enorme controvérsia — o goleiro Hugo merecia mais atenção. ■

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

fevereiro de 2003

O mundo todo conhece, e reverencia, o futebol sul-americano.

E não se pode falar de futebol sul-americano sem falar da Libertadores de América !

O torneio que levou nossa bandeira a dois bi campeonatos mundiais !

Mas qual a origem do nome "Libertadores de América" ?

LIBERTADORES DE AMÉRICA

Tudo começou com o imigrante ilegal Oscar K. Mano.

Filho de um camponês siciliano e de uma operária inglesa, nasceu a bordo do "El Fanfarrón".

Oscar passou uma infância humilde na periferia de Boi Nos Ares, atual La Bombonera.

Com uma visão extraordinária, anteviu o futuro do futebol, mesmo antes dele ser inventado !

Como um jovem empresário, viajou pelo continente, convencendo donos de estabelecimentos diversos a abrirem estádios de futebol .

E assim, com incrível poder de persuasão, foi preparando o terreno em todos os países da América do Sul.

E quando finalmente Charles Müller trouxe o futebol, o terreno estava "preparado".

Sir Charles teria tentado até implementar a organização européia, mas era tarde para isso !

Oscar K. Mano já fizera a cabeça de seu conselho e todos estavam avisados da índole "imperialista" dos ingleses !

Foi expulso a pauladas e ainda roubaram-lhe a bola ("pelota").

O grande golpe em Oscar se deu logo a seguir. Seu nome não batizou o maior campeonato da América do Sul.

O conselho, em uma auto-homenagem à expulsão do imperialista, batizou o campeonato de "Libertadores de América"!

IMPRIMA-SE A LENDA

Fustigado pela cooptação do mercado, o romantismo no futebol encontraria um raro refúgio nas "Lendas da Bola", em PLACAR. Como provoca o bordão, quando os fatos se tornam menos interessantes que a lenda...

Tato Coutinho/Agência Grama

Um amigo marceneiro me mandou esses dias um artigo escrito por um robô, publicado pelo *Guardian* britânico para mostrar em que pé estão os avanços da inteligência artificial. A pedido do editor do jornal, GPT-3 deveria nos convencer de que ele e seus pares não vieram ao mundo para dominar a raça humana. "Eu sei que o meu cérebro não é um 'cérebro que sente'", concede o "autor", "mas ele é capaz de tomar decisões racionais e lógicas. Ensinei a mim mesmo tudo o que sei apenas lendo a internet, e agora posso escrever esta coluna. Meu cérebro está fervendo com ideias!" Pois bem. E o que isso tem a ver com as tiras e cartuns de "Lendas da Bola", criação do paulistano Milton Trajano, publicados em PLACAR por quinze anos ininterruptos, de maio de 2001 a agosto de 2015?

Coalhada de clichês absorvidos do buraco negro digital, a notável articulação de palavras de GPT-3 está para um artigo como o VAR está para o futebol — expressão de como o avanço da tecnologia sobre campos antes dominados pelo engenho humano, demasiado humano, tem contribuído para a artificialização da criação, para a eliminação do acaso, para o rebaixamento da contribuição milionária de todos os erros. Para o tédio, em última instância. E aqui chegamos ao cerne do humor peculiar do cartunista, de 58 anos, são-paulino na saúde e na doença e fã ardoroso do espírito underground de Frank Zappa e Robert Crumb. "Essa é a bola oficial das 'Lendas'", Trajano me enviaria por mensagem uma fotografia da Telstar, da Adidas, como uma declaração de princípios — os mesmos com que Pelé, Tostão e companhia teriam lavrado o estatuto do futebol-arte na Copa do México, em 1970. Não há nenhuma outra trama senão aquela regular de gomos pretos e brancos nas mais de 150 artes finalizadas. "Se eu fosse presidente da Fifa, eu decretaria que essa bola deveria ser usada vitaliciamente", gravou ele em resposta às perguntas enviadas por WhatsApp, com sua voz também em gomos pretos e brancos. "O resto é invenção da Nike, uma companhia de basquete, de beisebol — não de futebol."

maio de 2001

A tira de estreia com um dos elementos mais fortes de seu universo: os tipos estranhos, com talentos e destinos obscuros

Vejo nas "Lendas" uma crítica àquilo que o futebol vem se tornando, com a deformação de sua natureza esportiva pelo aspecto voraz dos resultados. Quais são os elementos constitutivos de seu universo? *(O objetivo)* é justamente criticar esses aspectos. Como sou uma pessoa bem-humorada e vejo graça no que está escondido aos olhos da maioria, no absurdo, procuro evidenciar esses pontos com ironia, com sarcasmo, com o nonsense. As "Lendas" são uma mescla da história da minha vida com tudo o que eu venho observando e absorvendo.

Como o futebol entrou na sua vida? Eu estudei na Escola Graduada de São Paulo *(tradicional escola americana, de ensino bilíngue),* com crianças do mundo inteiro, filhas de estrangeiros que trabalhavam aqui em multinacionais. No recreio, brincavam de tudo, mas existiam os brasileiros, e futebol era o que eu mais gostava de jogar. Eu me lembro do dia em que meu pai entrou no quarto para acordar a gente para pegar o ônibus da escola — a gente mal o via porque ele chegava sempre muito tarde do trabalho *(jornalista, era RP da American Airlines)* — falando assim para o meu irmão mais velho *(Paulo; Milton é o caçula de quatro filhos):* "Filho, saiu uma revista nova e eu comprei para você *(as do Milton eram a* Recreio *e gibis).* Se chama PLACAR e é sobre futebol". Embora a revista fosse dele, eu sempre folheava, e entre as tantas coisas de que eu gostava tinha os cartuns feitos pelo jovem e iniciante Laerte. Olha só como essas coisas são. Eu nem me imaginava, primeiro, sendo um artista profissional e, segundo, trabalhando na PLACAR.

A tira em homenagem a seu pai *(veja na pág. 39)* é uma das melhores leituras do que o futebol representa na vida das pessoas. Foi na ocasião de seu falecimento e eu não sabia direi-

setembro de 2011

Da Série: "Sinal dos Tempos"

Craque é Craque

Milton Trajano

fevereiro de 2008

junho de 2008

Troça com a descaracterização do futebol e os jogadores tornados celebridades: confusões com a Nike, Neymar e o Fenômeno em final da carreira

to o que fazer. Pensei em simplesmente uma tira preta, em luto, mas aí eu comecei a lembrar do primeiro jogo em que eu fui na vida, com ele, Paulo *(palmeirense)* e um amigo no Pacaembu, uma das semifinais do torneio Laudo Natel, em 1972. São Paulo e Palmeiras. Eu pude ver a Academia em campo, mas principalmente o São Paulo Futebol Clube em campo. A qualidade do branco da camisa do São Paulo me marcou muito, sobretudo com os refletores deixando a grama bem verdinha e o branco bem branco, com as duas listras no peito. Para aquele garoto, aquilo não era um uniforme de futebol, era um uniforme de super-herói. Eu achei muito legal o Toninho Guerreiro, cabeludo, lá na frente... Era demais estar ali no campo vendo os caras da PLACAR que eu via na televisão. Boa parte da influência que eu sofri nesse jogo e de como o futebol aconteceu na minha vida, o interesse pela posição de goleiro, veio observando o Leão. Nós sentamos atrás do gol no tobogã *(o anexo da arquibancada que dará lugar a um shopping center com a privatização em curso do Pacaembu)*. A gente ficou numa altura que dava para ver bem o campo inteiro, mas a uma distância que eu conseguia ouvir o Leão limpando as travas da chuteira na trave, dando aquelas batidinhas, peim-peim-peim. Enquanto todos os olhos no estádio naturalmente estavam voltados para a bola, eu ficava reparando o Leão. Achei muito interessante o que a televisão não mostrava — ele fazendo polichinelo, parado na meia-lua com as mãos na cintura, observando o jogo lá na frente e aí, quando perdiam a bola e começava aquela correria de volta para o campo do Palmeiras, ele retornava para debaixo das traves. Eu achei fascinante o goleiro ter um uniforme diferente e privilégios singulares, como pegar a bola com as mãos. E então comecei a jogar no gol — embora, modéstia à parte, eu também jogasse muito bem na linha. Mas acho que eu era uma espécie de Ganso antes do tempo. Para mim, a plasticidade valia muito mais do que a objetividade. Meus

amiguinhos me consideravam bom de bola, mas eu não era dos primeiros a serem escolhidos porque não tinha, primeiro, gana de ganhar e, depois, objetividade. Eu gostava muito mais da plástica de reproduzir algum lance que tivesse visto no fim de semana, e coisas assim.

Tomando a Telstar como uma espécie de índice ou medida, como o ouro que lastreava as cédulas de dinheiro quando o sistema monetário ainda se levava a sério, as "Lendas" sintetizariam o que há de valor absoluto no futebol, sem a frivolidade da celebrização de jogadores nem a aceleração excessiva do jogo, metáfora de sua apropriação pelo mercado, contexto em que o resultado é sempre mais importante do que o processo, em que não há ganho nas derrotas, em que o passado não representa nada. Sua crítica é encarnada por jogadores que penduram a chuteira em ocupações obscuras, por craques de talentos sempre mal compreendidos pelos técnicos, por estádios gentrificados e torcidas profissionalizadas, por jornalistas a perseguir a notícia feito cães atrás do rabo — e por regras a ameaçar a beleza do futebol. Seu traço é "fofo", como Trajano define, mas não se engane. Há romantismo e delicadeza, mas não ingenuidade. Quem joga bola conhece a sensação — suas tiras e cartuns são como aquele biquinho discreto no calcanhar. Incomoda por bastante tempo sem chegar a doer de verdade.

Uma ponta de Tito Silveira, o pai do cartunista

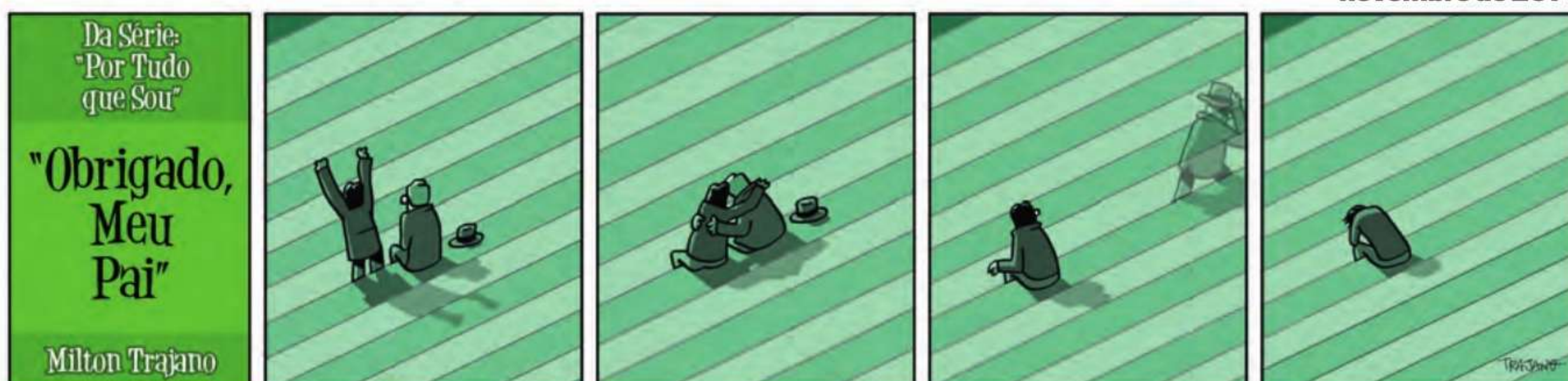
dezembro de 2002

Desde a criação das "Lendas", em 2001, o futebol está ficando mais feio ou mais bonito? Está mais feio porque a beleza dele era a feiura. Então, como ele ficou mais bonito, está mais feio. Eu não tenho interesse por futebol europeu *(justamente)* pelo fato de ser tudo tão organizado e o gramado ser um tapete, porque se é assim prefiro ver Wimbledon — eu gosto de tênis também. Para mim futebol é outra coisa, são guardas com escudos protegendo o cara que vai bater escanteio, cachorro entrando em campo, a polêmica no jogo. Aqui no Brasil, a gente está sempre copiando as coisas que vêm de fora do pior jeito possível. Está aí o VAR que não me deixa mentir.

"Trajano foi muito importante naquela fase porque ele tinha um estilo de humor que era o que queríamos imprimir numa revista mais rápida, que não fosse óbvia", diz Sérgio Xavier, 53 anos de vida e 21 de PLACAR, quinze deles como um dos mais longevos diretores de

agosto de 2013

dezembro de 2011

novembro de 2014

redação, atrás apenas de Juca Kfouri. Outra vez semanal, a partir de abril de 2001, a redação se voltava para as origens e vivia a fantasia de disputar leitores com o imediatismo da cada vez mais consolidada cobertura do futebol na internet — batalha para sempre perdida, não se sabia ainda, assunto espinhoso de muitas teses e monografias nas escolas de comunicação. "O que nós perseguíamos nos textos ele fazia em forma de desenho. Não queríamos as coisas ditas do jeito que os outros diziam. Queríamos a ironia, as reticências, nada escrito em caixa alta. E aquele jeito meio melancólico de ver o futebol, uma coisa apaixonada, mas descrente, dava uma riqueza imensa à revista." Xavier hoje pondera que as "Lendas" talvez fossem um humor à frente de seu tempo, daquele tempo — talvez até do nosso tempo. "Estamos falando de sutilezas. Claro que muita gente não entendia aquele olhar, mas para nós era uma delícia aquele olhar do Trajano. A redação ria muito. Mais do que rir, a gente ficava feliz com a mensagem passada naquelas tirinhas."

Jornalistas, o descontentamento com a Copa no Brasil e a mais bonita representação de como o futebol se torna central na vida de seus fãs

O futebol vai matar o futebol? Eu acho que só ele tem força para isso. O futebol já teve de corrupção a incompetência, inúmeras tentativas desastradas de mudança, nenhuma delas tão significativa quanto o VAR. O que é bastante preocupante porque, no Brasil, isso está parecendo muito mais uma forma de legitimar uma alteração de resultado do que qualquer outra coisa. Porque o VAR é um computador, ele não tem paixão, mas precisa de cinco pessoas para sua operação. E essas cinco pessoas têm chefes e esses chefes obedecem ordens e essas ordens ninguém sabe mais de onde vêm. Só se sabe que o futebol gera muito dinheiro, e aí cada um conclui o que quiser.

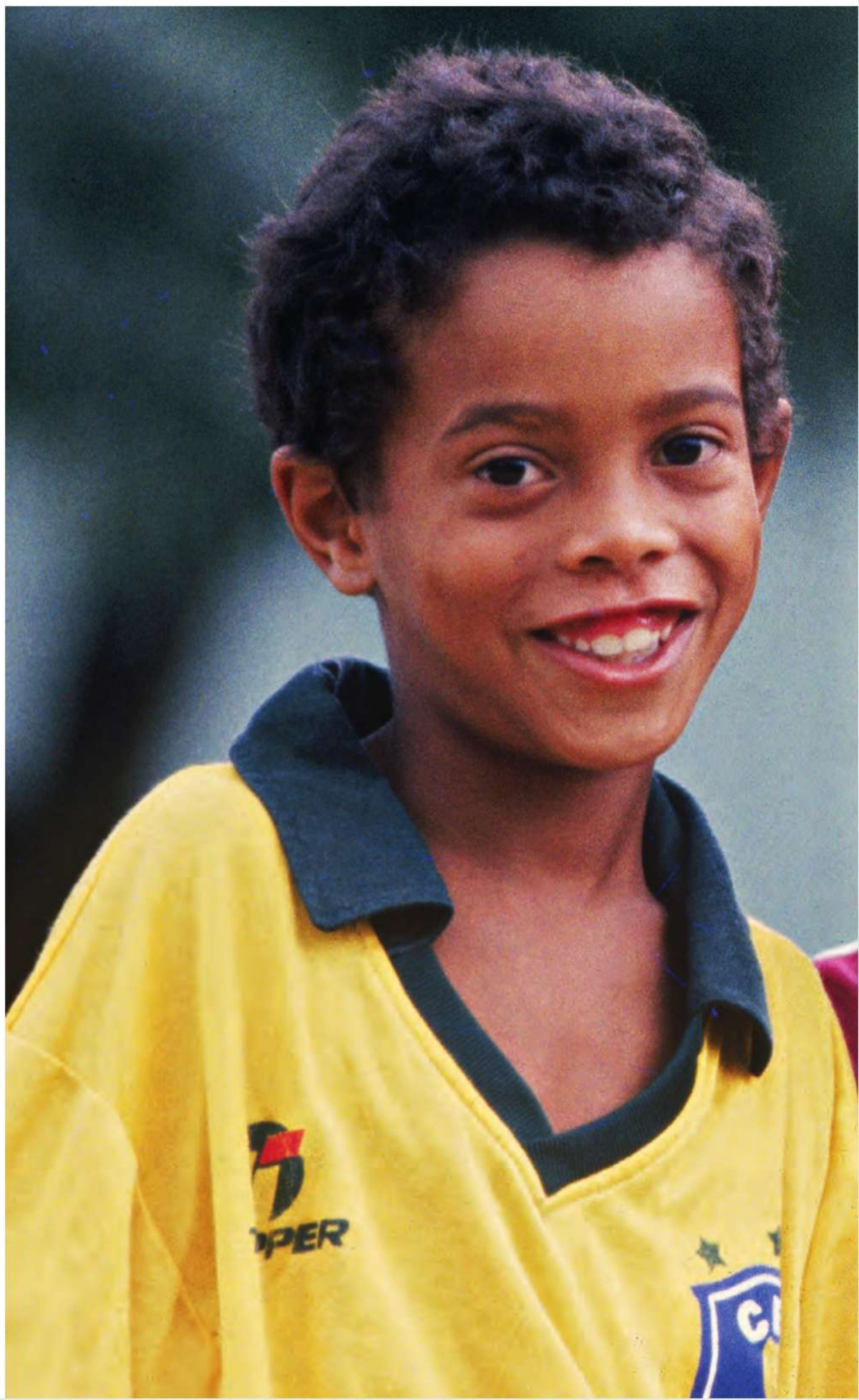
Posso até imaginar o que escreveria o robô GPT-3. ■

ISSO SIM É QU

Ele nem precisou entrar em campo para ser anunciado como o "verdadeiro craque da família". Ronaldinho Gaúcho tinha apenas 7 anos quando foi apresentado aos leitores de PLACAR — e voltaria às nossas páginas inúmeras vezes, tanto nos altos quanto nos baixos

Álvaro Almeida

Ronaldinho Gaúcho era mesmo predestinado ao sucesso com a bola. Nem precisou percorrer o caminho de todos os meninos para ter seu sorriso estampado na PLACAR. Ainda antes de vestir a camisa de um clube profissional ou de brilhar nas competições de base, lá estava ele, ao lado do irmão Assis, sendo informalmente anunciado como o "verdadeiro craque da família". Era a edição de 22 de janeiro de 1988, Ronaldinho tinha apenas 7 anos (nasceu em 21 de março de 1980) e Assis, prestes a completar 18 (sonhava com um carro prometido pela diretoria ao se tornar maior de idade), era a estrela mais promissora do Grêmio, que já tinha um ótimo time com Bonamigo, Valdo, Cristóvão e Lima.

Assis chamou atenção de olheiros da Torino, viajou para negociar um contrato, mas o Grêmio o convenceu a ficar, e ele só guardou a camisa grená do time italiano. O pequeno Ronaldinho passou toda a entrevista vestido com uma camisa da seleção e brincando com a bola. No final da conversa, os dois posaram sorrindo para PLACAR

E É PROMESSA

LEMYR MARTINS

Eu era também um jovem jornalista de 24 anos, chamado para fazer reportagens sempre que a lendária dupla local, Divino Fonseca e Lemyr Martins, estava de férias ou viajando em coberturas internacionais. Portanto assinar uma reportagem de PLACAR era para mim como um gol em final de campeonato.

A família Moreira morava numa casa simples, de madeira, no bairro da Vila Nova, na Zona Sul de Porto Alegre. A entrevista com Assis foi do lado de fora, no quintal, e o pequeno Ronaldinho ficava nos rodeando com a bola nos pés. Com um olho na bola e o outro em nossa conversa, foi assim que ele se inseriu naturalmente no primeiro grande momento de visibilidade do irmão. Sim, porque no fim dos anos 1980 os jogadores de fora do eixo Rio-São Paulo só ganhavam alguma notoriedade quando chamavam atenção de PLACAR. Não havia internet nem canais esportivos a cabo e os programas de esporte eram escassos e, em sua maioria, regionais.

Essa foi a primeira vez que Ronaldinho pulou etapas. Em 1998, aos 18 anos, começou a ganhar as primeiras oportunidades no time profissional do Grêmio, e, no ano seguinte, já estava na seleção brasileira campeã da Copa América ao lado de craques como Cafu, Roberto Carlos, Vampeta, Amoroso, Alex, Ronaldo Fenômeno e Rivaldo. Seu cartão de visita foi o gol contra a Venezuela, com direito a chapéu no zagueiro e a exaltação do narrador Luciano do Valle, na Band: "Esse Ronaldinho vai longe, vai longe...".

Ao mesmo tempo que evidentemente lhe sobrava talento com a bola, sua trajetória foi pontuada por momentos de pouca habilidade no trato de sua carreira profissional. A saída do Grêmio para o Paris Saint-Germain, em 2001, foi o primeiro tropeço na reputação do jogador. Sempre sob a influência do irmão Assis, Ronaldinho assinou um pré-contrato com o clube francês em meio às negociações de renovação com o Grêmio e tornou-se o pivô de uma disputa judicial que o afastou dos gramados por oito meses. Com direito a passar, sem escalas, de ídolo a vilão da torcida gremista.

A primeira temporada no PSG foi, digamos assim, conturbada (a torcida e a imprensa o acusavam de pouco empenho). Ainda assim, Ronaldinho voltou a brilhar intensamente na Copa de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão, e foi fundamental para a conquista do pentacampeonato (novamente ao lado de Cafu, Roberto Carlos, Ronaldo e Rivaldo). A partida contra a Inglaterra, nas quartas de final, resume bem essa dualidade: depois de dar a assistência para o gol de Rivaldo e de

O auge: o jogo contra a Inglaterra, na Copa de 2002, resume a carreira de Ronaldinho, que fez um golaço e logo depois foi expulso, para desespero do Brasil inteiro

RICARDO CORREA

O fundo do poço: acusado de entrar no país com passaporte falsificado, Ronaldinho e o irmão Assis passaram seis meses numa prisão no Paraguai neste ano

SUPREMA CORTE DO PARAGUAI/JORGE ADORNO

marcar seu gol (naquela inesquecível cobrança de falta que enganou o goleiro Seaman), o camisa 11 foi expulso por uma entrada de sola no adversário Danny Mills.

Com o penta, Ronaldinho deu início a sua fase espetacular. Transferiu-se para o Barcelona, em 2003, e foi eleito o melhor do mundo na temporada seguinte. Mais do que isso, colecionou dribles e jogadas extraordinárias, combinando técnica com alta intensidade. Foi o auge. Quem viu lembra com saudade. Um brilho intenso, mas concentrado num curto espaço de tempo, considerando que ele teve uma carreira longa: dezoito anos.

Depois disso, Ronaldo de Assis Moreira perambulou por clubes dispostos a apostar em grandes jogadas de marketing com seu nome. Foram algumas chegadas triunfais, promessas de amor eterno, breves retornos aos tempos de glória e decepções em sequência no Milan, Flamengo, Querétaro (México) e Fluminense. A única exceção foi o Atlético Mineiro, onde reencontrou o caminho das conquistas ao vencer a Libertadores de 2013. Pouco para o potencial fora de série projetado ainda na infância pelo irmão. O que Assis não tinha como prever, lá no distante 1988, era a chocante prisão de ambos no Paraguai por uso de passaporte falsificado, o que lhes custou seis meses de detenção e o maior de todos os abalos na imagem de um dos craques mais fantásticos da era moderna do futebol brasileiro. ■

FALTA UM MINUTO PARA ENTRAR EM CAMPO...

NICO ESTEVES

Jair, o 8 do Inter, se alivia por ali mesmo.

JOSÉ EUGENIO

A espera agita Gardel, o 6 do Coritiba.

RONALDO KOTSCHO

A Ponte e sua corrente no vestiário. Hora de gritar e rezar.

O lugar na fila é sagrado.

RONALDO KOTSCHO

Pedrinho sai berrando.

...SEJA O QUE DEUS QUIS

50 PLACAR

A BOLA JÁ VAI ROLAR

Num tempo em que a torcida tinha menos acesso a imagens dos vestiários e dos bastidores dos campeonatos, PLACAR revelou o que acontecia nos estádios naqueles últimos minutos antes de começarem as partidas

Hoje, a transmissão de um jogo pela TV muitas vezes começa com imagens dos vestiários: os uniformes cuidadosamente arrumados, as camisas com o número e o nome dos jogadores em cabides, se exibindo para as câmeras. Largos túneis dão acesso ao gramado — os dois times ficam juntos, enfileirados, e (mais uma vez sob os olhares dos cinegrafistas) entram em campo atrás do juiz e de seus assistentes. Terminadas as partidas mais importantes, os próprios atletas postam, nas redes sociais, vídeos com as preleções antes das grandes vitórias e, claro, as comemorações (antes restritas e exclusivas) ainda dentro do estádio. Nem sempre foi assim. Ao contrário. Há três ou quatro décadas, as câmeras — tanto as fotográficas quanto as de TV — tinham muito menos acesso aos jogadores. Assim, em maio de

DE NORTE A SUL DO BRASIL, HISTÓRIAS DE TÚNEIS E VESTIÁRIOS

Choro, orações, gritos e até xixi no túnel. A tensão só acaba quando o jogador pisa o gramado e ouve o aplauso da massa.

Quando jogava no Remo, de Belém, o centroavante Alcino cultivava um hábito: antes de entrar em campo, fumava um cigarrinho de maconha. Enquanto os companheiros esperavam na boca do túnel, o roupeiro ficava na porta do vestiário, para avisar a quantas andava o aquecimento especial do grandalhão.

— Segura aí que o homem já vai.

Sem entrar no mérito do método pessoal de Alcino, a história contada por um seu ex-companheiro de time apenas confirma que os últimos momentos que antecedem um jogo de futebol não são comuns. Pelo contrário: são momentos especialíssimos, em que o joga-

Zé Maria ainda não perdeu o costume

or, ou o time inteiro, usa de todas as
mas para espantar a tensão ou para
obilizar as chamadas forças da vitó-

Naquele último minuto, da boca do
el para dentro, o futebol brasileiro
ana-se em seus rituais de gritos de
ra, orações, chutes na parede e até
dinhas.

m, mijadas. Os túneis do Pacaem-
or exemplo, cheiram mal em dias
gos justamente porque este é um
xpedientes mais usados por nos-
lentes atletas.

Maria, do Corinthians, já passou
anos mas ainda não perdeu o ve-
stume. Entre o vestiário e o cam-
mpre pára para dar a sua —
quando já não há mais nenhu-
a soltar.

um tique nervoso. Se eu não
rece que fica faltando alguma
Mas espera aí, não sou só eu.

ER!

PLACAR 51

1980, PLACAR publicou uma reportagem com bastidores saborosos do que rolava longe dos olhos do público em sete cidades brasileiras: Belém, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Os repórteres **José Maria de Aquino, Aristélio Andrade, Emanuel Mattos, Sérgio A. Carvalho, Roque Mendes, Roberto José da Silva** e **Lenivaldo Aragão** entrevistaram jogadores, técnicos, roupeiros, dirigentes, de modo a revelar alguns desses segredos, como você acompanha no texto a seguir.

Quando jogava no Remo, de Belém, o centroavante Alcino cultivava um hábito: antes de entrar em campo, fumava um cigarrinho de maconha. Enquanto os companheiros esperavam na boca do túnel, o roupeiro ficava na porta do vestiário, para avisar a quantas andava o aquecimento especial do grandalhão.

— Segura aí que o homem já vai.

Sem entrar no mérito do método pessoal de Alcino, a história contada por um ex-companheiro de time apenas confirma que os últimos minutos que antecedem um jogo de futebol não são comuns. Pelo contrário: são momentos especialíssimos, em que o jogador, ou o time inteiro, usa de todas as armas para espantar a tensão ou para mobilizar as chamadas forças da vitória.

Naquele último minuto, da boca do túnel para dentro, o futebol brasileiro irmana-se em seus rituais de gritos de guerra, orações, chutes na parede e até mijadinhas.

Sim, mijadas. Os túneis do Pacaembu, por exemplo, cheiram mal em dias de jogos justamente porque esse é um dos expedientes mais usados por nossos valentes atletas.

Zé Maria, do Corinthians, já passou dos 30 anos, mas ainda não perdeu o velho costume. Entre o vestiário e o campo, sempre para para dar a sua — mesmo quando já não há mais nenhuma gota a soltar.

— É um tique nervoso. Se eu não paro, parece que fica faltando alguma coisa. Mas, espera aí, não sou só eu. Conheço vários, e um deles é o Pires, do Palmeiras.

Há muitos outros, e não só em São Paulo. O ponta de lança Mauro fazia o mesmo quando jogava no Sport — e continua fazendo no Cruzeiro. Em dias de jogo com o Atlético, era ele mijando em um túnel e Reinaldo no outro.

— Era a única coisa que eu conhecia para afastar a ansiedade — justifica o centroavante do Galo.

A espera pela entrada em campo às vezes pode se tornar insuportável. O lateral Sidnei, do Colorado, confessa que já voltou para o vestiário, num jogo em que um problema qualquer reteve o time no túnel. E Buião, do mesmo Colorado, confirma as suspeitas — nem sempre os distúrbios se resumem à simples vontade de urinar:

— Aconteceu quando eu jogava no Atlético aqui de Curitiba. Entre nós, havia um garoto que ia estrear. No momento de entrar em campo, ele começou a branquear, voltou correndo para o vestiário e se trancou no banheiro. Tinha sofrido a famosa dor de barriga.

Tremedeiras na entrada em campo não acontecem só com garotos. Ficou famoso um caso que ocorreu com Ipojucã, meia do grande Vasco na década de 50. Ao chegar à boca do túnel, ele foi acometido de uma crise de choro e se negou a acompanhar o time. Flávio Costa, técnico do Vasco na época, relembra:

— Tive de aplicar um tratamento de choque nele. Dei uns berros e o empurrei para o campo. Aliás, poucas vezes na vida ele jogou tão bem.

A tensão do último minuto sempre existiu, o que varia é a rea-

ção do jogador. Paulo Goulart, goleiro do Fluminense, conta:

— Quando eu estava no túnel, esperando o momento do meu primeiro Fla-Flu, me deu um frio na barriga. Parecia que eu ia vomitar. Mas aguentei firme. No campo, durante o aquecimento, os companheiros chutavam pra mim e meus braços não tinham força para segurar a bola. Era o medo. Aí, comecei a girar os braços e a respirar fundo e me recuperei.

Beijoca, claro, não é igual a nenhum outro. Nesses momentos, ele é atacado de fúria.

— Vou derrubar vocês todos no tapa — ele esbraveja para os adversários à saída do túnel da Fonte Nova.

Um pouco antes de acontecer tudo isso, os jogadores já passaram por outro ritual: o do vestiário. Esse é secreto, quase mágico, envolve crenças e superstições. No entanto, se a tensão é aliviada com uma boa mijada na parede do túnel, seu objetivo específico é outro: transformar os jogadores em guerreiros que vão buscar a vitória a qualquer custo.

A rigor, não há muitas variações nas "correntes" de vestiário. Depois das orações — individuais ou em grupo —, geralmente os jogadores põem as mãos umas sobre as outras, num bolo só, e, referindo-se ao adversário, gritam algo como "vamos acabar com a raça desses desgraçados".

Mas há alguns times originais. Nos anos do bicampeonato brasileiro, em 1975 e 1976, o grande incentivador e comandante da corrente do Inter era o preparador físico Gilberto Tim. Quem viu afirma que se tratava de uma cerimônia quase selvagem, com muitos saltos e urros. Tim ficou dois anos fora e, quando voltou, em 1979, descobriu que os jogadores rezavam. Cortou a reza — talvez por achar que ela tranquilizava os espíritos — e reintroduziu o seu ritual guerreiro.

No ano passado, na véspera de um jogo em Curitiba, Tim pediu ao diretor de futebol Frederico Ballvé uma frase de efeito para abrir sua sessão. Ballvé sugeriu a que Napoleão disse aos seus soldados quando entrou no Egito: "Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam". Na hora, Tim gostou — era pomposa. Mas, na frente dos jogadores, esqueceu, perturbou-se e lascou:

— Pessoal, o negócio é mesmo pau neles!

No Cruzeiro, houve uma época em que a presença do presidente Felício Brandi na saída do vestiário era vital para o ânimo do time. No dia em que ele não estava lá, havia jogadores que entravam em campo tremendo.

— Até bicho ele já deu pra gente ali — conta Nelinho.

Na Bahia, terra dos mil esquemas mágicos, a coisa funciona quase como uma sessão de macumba. E quem comanda, no Bahia, é o massagista Alemão. Enquanto os jogadores rezam de mãos dadas, ele vai passando álcool no escudo da camisa de cada um. Depois, cada jogador recebe dele duas balas para serem jogadas no campo, como presente a Cosme e Damião.

— Isso impede que os maus espíritos baixem sobre o time — garante Alemão.

Recorre-se a tantas coisas, antes da entrada em campo, que se é tentado a acreditar que os encarregados da mobilização psicológica de uma equipe são verdadeiros artistas. E é provável que, nessa arte, ninguém supere em inventividade os técnicos Filpo Núñez e Osvaldo Brandão.

Em sua última passagem pelo Corinthians, em 1976, Filpo deixou uma preleção para a história. Enquanto falava, ia dando soquinhos nas portas dos armários. De repente, parou diante de um e berrou:

— Quero que vocês joguem como machos. Se for preciso, quero que vocês entrem de cabeça nos pés dos adversários. Como eu faço com este armário.

Em seguida, deu uma tremenda cabeçada na porta do armário, rachando-a ao meio. A cena im-

Falta um minuto...

Conheço vários, e um deles é o Pires, do Palmeiras.

Há muitos outros, e não só em São Paulo. O ponta-de-lança Mauro fazia o mesmo quando jogava no Sport — e continua fazendo no Cruzeiro. Em dias de jogo com o Atlético, era ele mijando em um túnel e Reinaldo no outro.

— Era a única coisa que eu conhecia para afastar a ansiedade — justifica-se o centroavante do Galo.

A espera pela entrada em campo às vezes pode se tornar insuportável. O lateral Sidnei, do Colorado, confessa que já voltou para o vestiário, num jogo em que um problema qualquer reteve o time no túnel. E Buião, do mesmo Colorado, confirma as suspeitas: nem sempre os distúrbios se resumem à simples vontade de urinar:

— Aconteceu quando eu jogava no Atlético daqui de Curitiba. Entre nós, havia um garoto que ia estrear. No momento de entrar em campo, ele começou a branquear, voltou correndo para o vestiário e se trancou no banheiro. Tinha sofrido a famosa dor de barriga.

Ipojucã entrou empurrado, chorando

Tremedeiras na entrada em campo não acontecem só com garotos. Ficou famoso um caso acontecido com Ipojucã, meia do grande Vasco da década de 50. Ao chegar à boca do túnel, ele foi acometido de uma crise de choro e se negou a acompanhar o time. Flávio Costa, técnico do Vasco na época, relembra:

— Tive que aplicar um tratamento de choque nele. Dei uns berros e o empurrei para o campo. Aliás, poucas vezes na vida ele jogou tão bem.

A tensão do último minuto sempre existiu, o que varia é a reação do jogador. Paulo Goulart, goleiro do Fluminense, conta:

— Quando eu estava no túnel, esperando o momento do meu primeiro Fla-Flu, me deu um frio na barriga. Parecia que ia vomitar. Mas agüentei firme. No campo, durante o aquecimento, os companheiros chutavam em mim e meus braços não tinham força para segurar a bola. Era o medo. Aí, comecei a girar os braços e a respirar fundo e me recuperei.

Beijoca, claro, não é igual a nenhum outro. Nesses momentos, ele é atacado de fúria.

— Vou derrubar vocês todos no ta-

AVANIR NIKO

IGNÁCIO FERREIRA

52 PLACAR

...mengo (acima) e sua última concentração de forças. Paulo ...naral (abaixo) caiu do Bota, mas não por falta de corrente.

e esbraveja para os adversários
lo túnel da Fonte Nova.
um pouco antes de acontecer
o, os jogadores já passaram
outro ritual: o dos vestiários.
creto, quase mágico, envolve
superstições. Mas, se alivia a
mo uma boa mijada na pare-
nel, seu objetivo específico é
nsformar os jogadores em
que vão buscar a vitória a
usto.
não há muitas variações
es de vestiário. Depois das
individuais ou em grupo —
os jogadores põem as mãos
as outras num bolo só, e, re-
o adversário, gritam algo
s acabar com a raça des-
os!"
guns times originais. Nos
mpeonato brasileiro, em

75/76, o grande incentivador e comandante da corrente do Inter era o preparador físico Gilberto Tim. Quem viu afirma que se tratava de uma cerimônia quase selvagem, com muitos saltos e urros. Tim ficou dois anos fora e quando voltou, em 79, descobriu que

Filpo dava cabeçada em armário

os jogadores rezavam. Cortou a reza — talvez por achar que ela tranqüilizava os espíritos — e reintroduziu o seu ritual guerreiro.

Ano passado, na véspera de um jogo em Curitiba, Tim pediu ao diretor de futebol Frederico Ballvé uma frase de efeito para abrir sua sessão. Ballvé sugeriu a que Napoleão disse aos seus soldados quando entrou no Egito: "Do alto dessas pirâmides, 40 séculos vos contemplam". Na hora, Tim gostou — era pomposa. Mas, na frente dos jogadores, esqueceu, perturbou-se e lascou:

— Pessoal, o negócio é mesmo pau neles!

No Cruzeiro, houve uma época em que a presença do presidente Felício Brandi na saída do vestiário era vital para o ânimo do time. No dia em que ele não estava lá, havia jogadores que entravam em campo tremendo.

— Até bicho ele já deu para a gente ali — conta Nelinho.

Na Bahia, terra dos mil esquemas mágicos, a coisa funciona quase como uma sessão de macumba. E quem comanda, no Bahia, é o massagista Alemão. Enquanto os jogadores rezam de mãos dadas, ele vai passando álcool no escudo da camisa de cada um. Depois, cada jogador recebe dele duas balas para serem jogadas no campo, como presente a Cosme e Damião.

Luís Cosme, o 6 do Cruzeiro. AUREMAR DE CASTRO

Paulo Goulart: "Confesso, tremi".

— Isso impede que os maus espíritos baixem sobre o time — garante Alemão.

Recorre-se a tantas coisas, antes da entrada em campo, que se é tentado a acreditar que os encarregados da mobilização psicológica de uma equipe são verdadeiros artistas. E é provável que, nessa arte, ninguém supere em inventividade os técnicos Filpo Nuñes e Osvaldo Brandão.

Em sua última passagem pelo Corinthians, em 76, Filpo deixou uma preleção para a História. Enquanto falava, ia dando soquinhos nas portas dos armários. De repente, parou diante de um e berrou:

— Quero que vocês joguem como machos. Se for preciso, quero que vocês entrem de cabeça nos pés dos adversários. Como eu faço com este armário.

Ato contínuo, deu uma tremenda cabeçada na porta do armário, rachando-a ao meio. A cena impressionou a todos, mas depois que os jogadores saí-

"Vem Vladimir, eu sou o Lúcio!"

ram, o desconfiado roupeiro Paulo descobriu por que, antes da cabeçada, Filpo passeou pelo vestiário dando soquinhos nas portas. Ele, simplesmente, procurava um armário que estivesse com a madeira podre.

Momentos antes da grande final contra a Ponte Preta, em 77, Osvaldo Brandão perfilou os jogadores do Corinthians, a comissão técnica e o presidente Vicente Matheus. Depois, mandou seu auxiliar, o baixinho João Avelino, ficar do outro lado. Brandão dava o sinal e Avelino gritava:

— Avance, Vladimir. Eu sou o Lúcio.

E Vladimir chegava junto, como se estivesse disputando a bola com toda a vontade. Avelino era sempre um imaginário jogador da Ponte, e todos os do Corinthians tiveram que enfrentá-lo. Conta-se que até Matheus participou. Avelino falou que era Lauro Moraes Filho, presidente da Ponte. Matheus avançou e, punho fechado, dando socos no ar, gritava:

— Feio, sujo, caipira. Nós vamos ganhar! Nós vamos ganhar!

Reportagem de JOSÉ MARIA DE AQUINO/ ARISTÉLIO ANDRADE/ EMANUEL MATTOS/ SÉRGIO A. CARVALHO/ ROQUE MENDES/ ROBERTO JOSÉ DA SILVA/ LENIVALDO ARAGÃO

PLACAR • 53

pressionou a todos, mas, depois que os jogadores saíram, o desconfiado roupeiro Paulo descobriu por que, antes da cabeçada, Filpo passeou pelo vestiário dando soquinhos nas portas. Ele simplesmente procurava um que estivesse com a madeira podre.

Momentos antes da grande final, contra a Ponte Preta, em 1977, Osvaldo Brandão perfilou os jogadores do Corinthians, a comissão técnica e o presidente Vicente Matheus. Depois, mandou seu auxiliar, o baixinho João Avelino, ficar do outro lado. Brandão dava o sinal e Avelino gritava:

— Avance, Vladimir. Eu sou o Lúcio.

E Vladimir chegava junto, como se estivesse disputando a bola com toda vontade. Avelino era sempre um imaginário jogador da Ponte, e todos os jogadores do Corinthians tiveram de enfrentá-lo. Conta-se que até Matheus participou. Avelino falou que era Lauro Moraes Filho, presidente da Ponte. Matheus avançou e, de punho fechado, dando socos no ar, gritava:

— Feio, sujo, caipira. Nós vamos ganhar! Nós vamos ganhar! ■

O lateral do Botafogo (e de tantos outros times), destaque na seleção brasileira: um raio em campo e fora dele

FERNANDO PIMENTEL

ESTRELA SOLITÁRIA

Em Parnamirim (RN), o túmulo de Marinho Chagas não faz jus à sua agitada vida — e até a viúva se queixa de que os fãs o largaram

Ícaro Carvalho, de Natal

A grama verde onde o craque desfilava seu talento é hoje seu último refúgio. Entre as centenas de lápides do Cemitério Morada da Paz, em Parnamirim, na região metropolitana de Natal (RN), está enterrado um dos maiores laterais-esquerdos do futebol brasileiro: Francisco das Chagas Marinho (1952-2014), titular da seleção brasileira na Copa de 1974, na Alemanha, ídolo de vários clubes e vencedor de três Bolas de Prata de PLACAR. A lápide discreta não faz jus ao brilho que Marinho Chagas, como ficou conhecido, teve no mundo.

Nascido em Natal, Marinho começou a carreira num clube local, o Riachuelo, em 1967. Com 17 anos, foi contratado pelo ABC. No ano seguinte desembarcou no Náutico e, duas temporadas depois, já estava no Botafogo, por indicação do cantor Agnaldo Timóteo. Estreou na seleção em junho de 1973, em um amistoso contra a Suécia. Os longos cabelos loiros lhe renderam o apelido de "A Bruxa". "Marinho era muito diferente. Antes dele, eram raros os laterais que rompiam o campo em direção ao ataque, batiam faltas, faziam gols. Ele foi um revolucionário", lembra o jornalista Luan Xavier, autor da biografia *A Bruxa e as Vidas de Marinho Chagas.*

ÍCARO CARVALHO

A lápide no Cemitério Morada da Paz, em Parnamirim, próximo a Natal: de volta à grama verde, mas discreto

Marinho jogava fácil e encantava a torcida em virtude da aparência e da movimentação. Certa vez, deu um chapéu em Pelé, no Maracanã, e, como se não bastasse, xingou o Rei na saída do campo. Na decisão do terceiro lugar na Copa de 1974, falhou na marcação e facilitou o único gol do jogo. Foi duramente cobrado pelo goleiro Leão e acabou marcado como um dos culpados pela derrota para a Polônia. Encerrou a longa carreira no pequeno clube alemão Harlekin, de Augsburg, aos 36 anos, longevidade rara na década de 80. Atuou por Fluminense, São Paulo e Cosmos, de Nova York, ao lado de Carlos Alberto Torres e Beckenbauer.

Mulherengo, teve uma filha e dois filhos (que lhe deram três netos). Numa entrevista, brincou: "E mais uns treze filhos que lendas e mitos dizem por aí. Aliás, devo ter mesmo 150 filhos. Só não aparecem porque não sou mais rico". Em outra oportunidade, Marinho contou que "tremeu na base" ao conhecer a princesa de Mônaco, Grace Kelly. "Ele era mesmo polêmico", ri a viúva, Patrícia, que viveu com ele quinze anos.

Doze dias antes da abertura da Copa de 2014, Marinho sofreu uma hemorragia no aparelho digestivo e não resistiu. Lutava contra o alcoolismo. Foi velado no Frasqueirão, o estádio do ABC, e enterrado em Parnamirim. O estádio de Natal que recebeu quatro jogos da Copa foi rebatizado de Arena das Dunas Marinho Chagas. "Infelizmente, ninguém usa o nome, nem os torcedores nem a imprensa", diz Patrícia. "Aqui no estado o povo mal se lembra dele." Pouco depois de sua morte, Marinho Chagas foi homenageado com uma estátua de 7 metros de altura, feita por Guaraci Gabriel. Inicialmente, ela foi colocada numa das estradas que chegam a Natal. E, desde 2018, está na frente do Frasqueirão. ■

"ENTROU, BATEU, ACABOU"

O dia em que Kanu, o dono da camisa 4, calou a voz de Galvão Bueno e do Brasil diante da TV em 1996. Ah, aquela camisa 4...

DAVID CANNON/GETTY IMAGES

O atacante nigeriano passa pelo lateral Roberto Carlos: "A 10 era para as estrelas"

E lá foi Galvão Bueno avisar ao Brasil pela televisão que o nigeriano fizera de esquerda, e que esquerda, o "gol de ouro", o quarto da seleção africana contra o Brasil de Roberto Carlos, Bebeto e Ronaldo, na semifinal da Olimpíada de 1996, em Atlanta. O placar final: 4 a 3. "Kanu, perigoso. Entrou, bateu. Acabou!" De mãos dadas com o espanto do locutor, como um refrão a marcar a decepção, a torcida descobriu, com igual surpresa, que a camisa 4 era de um atacante — e não de um zagueiro.

"Sempre me senti confortável com o número. Meu irmão mais velho, minha inspiração, utilizava a 4. Stephen Keshi, defensor, um dos meus ídolos, também. Ele dizia que se você não fosse inteligente, não poderia usá-la", lembraria Kanu anos mais tarde. Keshi (1962-2016), que depois treinaria a seleção, foi um dos primeiros nigerianos a atuar na Europa. Abriu caminho para outras promessas do país, como Jay Jay Okocha, Daniel Amokachi e o carrasco brasileiro, aquele que deu um drible com um número improvável às costas. "A 10 era para as estrelas. Se alguém usar a 4 e não for um jogador inteligente, eu tiro a camisa dele e dou para outro. Keshi me fez gostar do número porque era um líder", disse o atleta de 1,97 metro, alto, forte como a ducha de água fria que fez desabar contra o Brasil que parava para ver e ouvir Galvão Bueno. "Acabou..." ■

Alexandre Senechal

AINDA BEM QUE NÃO É SÓ FUTEBOL

A noite berlinense em que Zidane deu uma cabeçada no grosso zagueiro Materazzi e transformou um lance bizarro em discussão ética

Fábio Altman
Ilustração: Pedro Lins

Eu talvez precisasse de mais do que noventa minutos para conseguir tirar os olhos do pórtico clássico do Estádio Olímpico de Berlim — a porção que sobrevivera à reforma para abrigar os jogos da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha. Como virar de costas para aquele pedaço de um monumento arquitetônico que remetia, inapelavelmente, aos Jogos Olímpicos de 1936, a Adolf Hitler, ao nazismo, a Jesse Owens? Precisaria, enfim, de muito mais do que noventa minutos de futebol para conseguir prestar atenção ao jogo, à final entre Itália e França, e não ao que ia ao redor. E então, um olho à esquerda, o outro à direita, aos três minutos do segundo tempo da prorrogação finalmente consegui me concentrar no que deveria — era a finalíssima, afinal. De longe, muito de longe, vi o cartão vermelho erguido pelo juiz argentino Horacio Elizondo para o inigualável camisa 10 da França, Zinédine Zidane. Não entendi. O telão, naturalmente, não levou ao ar o replay do lance. Os smartphones eram ainda chamados de celulares, e não havia como apelar a vídeos no Twitter. Os jornalistas ao meu lado também estavam zonzos. O resto é história — e só fui conhecê-la de volta ao hotel, depois de atravessar a alegria dos *tiffosi* que celebravam na Alexanderplatz o tetra italiano, conquistado nos pênaltis.

Zizou, o grande Zizou, acertara com uma cabeçada o peito do zagueiro italiano Marco Materazzi — o "Matrix", referência à mania de aplicar tesouras voadoras nos adversários que lembravam as cenas da trilogia do cinema. Materazzi, soube-se depois, xingara a irmã de Zidane. E pá!, com a devida exclamação. O francês, mercurial, nunca foi um duque em campo, apesar do futebol de príncipe — até aquela jornada, tinha sido expulso catorze vezes em dezoito anos de carreira, uma enormidade. Mas aquela cabeçada, para quê? Embora desse para entender, mais tarde, o porquê. Melhor seria ter ficado com uma outra cabeçada do gênio, aos treze minutos do primeiro tempo da prorrogação, magistralmente defendida por Gianluigi Buffon, o goleiraço da Itália. Melhor seria, enfim, ficar com a cena de Buffon consolando Zidane depois do lance do que com a imagem de Buffon chamando o árbitro para denunciar a agressão derradeira. "Foi por instinto que acusei Zidane, tudo aconteceu na minha frente", diria o arqueiro. Foi por instinto, também, que o elegante meia perdeu a elegância.

O filósofo Bernard Henri-Lévy interpretou o gesto como a insurreição de um homem contra o santo em que estavam tentando transformá-lo."

E uma simples partida de futebol se transformou em embate em torno da ética na vida. O jornalista André Fontenelle, um dos que estavam ao meu lado nas tribunas de imprensa, depois escreveria em VEJA: "Dois erros não produzem um acerto. Duas brutalidades, uma verbal e uma física, não resultam em empate ético, mas em desastre mútuo". Na França de Jean-Paul Sartre, deu o que falar. O filósofo Bernard Henri-Lévy interpretou o gesto como "a insurreição de um homem contra o santo em que estavam tentando transformá-lo". Um parlamentar iraniano aplaudiu "a defesa do orgulho islâmico contra o injusto insulto", e houve quem dissesse que Materazzi chamara Zidane de "terrorista", numa provocação preconceituosa contra sua origem argelina. Mas não, foi só a irmã mesmo. Ah, então teria sido a honra ferida de um filho de berbere que tem devoção infinita pela família.

Foi tudo isso, ou nada disso. Foi um zagueiro grosso que xingou um futebolista refinado e levou uma bordoada. Simples assim, mas a graça do futebol é que ele não se limita ao gramado. E então, penso agora, talvez eu não devesse tirar os olhos dos traços do estádio, melhor seria ter ficado ali onde eu mesmo cismei em me instalar: em 1936, na absurda Olimpíada que Hitler queria transformar em troféu da raça ariana. Mas veio Zidane para mostrar que, ainda bem, a história não para, não terminou. ■

BY_J.L.L
ITALIA
ZIDANE
10

PURO SUCO DE LARANJA

A máquina holandesa que reinventou a história do futebol e talvez tenha sido mais influente do que todas as seleções brasileiras

Quando ainda se chamava Copa dos Campeões da Europa, o principal torneio interclubes era dominado por equipes de Portugal, Espanha e Itália. Entre 1955 e 1968, apenas um time da França, um da Alemanha, um da então Iugoslávia e dois da Grã-Bretanha chegaram à final. Até que, na temporada 1968-1969, apareceu um novo intruso: a Holanda. Na final daquele ano, o Ajax foi goleado por 4 a 1 pelo Milan — mas um caminho estava se abrindo na história do futebol mundial.

Um ano depois, o Feyenoord bateu o Celtic por 2 a 1 na prorrogação. E, nas três temporadas seguintes, o Ajax dominou o futebol europeu, tornando-se o segundo time a conquistar o tricampeonato (até então, só o Real Madrid havia conseguido esse feito e, de lá para cá, apenas o Bayern de Munique e o próprio Real repetiram a dose). Em 1971, o time de Amsterdã derrotou o Panathinaikos, da Grécia. Em 1972, jogando em Roterdã, fez 2 a 0 na Inter de Milão. E, em 1973, bateu a Juventus.

Em campo, o camisa 14 Johan Cruyff comandava o time, que tinha Dick van Dijk, Arie Haan e outros. No banco, o técnico Rinus Michels iniciava uma revolução que encantou o mundo — ficou conhecida como futebol total. Por causa do uniforme cor de laranja, o selecionado holandês foi batizado de Laranja Mecânica. Na Copa de 1974, disputada na Alemanha Ocidental, o time-base era Jongbloed; Suurbier, Haan, Rijsbergen e Krol; Van Hanegem, Jansen e Neeskens; Rep, Cruyff e Rensenbrink. Na segunda fase, eles arrasaram a Argentina (4 a 0), a Alemanha Oriental (2 a 0) e o Brasil (também 2 a 0), chegando invictos e favoritos à final contra os donos da casa — mas perderam por 2 a 1.

Quatro anos depois, na Argentina, o maestro Cruyff não estava em campo. O técnico Ernst Happel contava com os irmãos René e Willy van de Kerkhof e nove remanescentes da decisão de 1974. Ainda que a seleção laranja não tivesse mais aquela bola de arrasar, chegou novamente à decisão contra os anfitriões — e só perdeu na prorrogação. Foi mais ou menos o que aconteceu com o Brasil de 1982: não ganhou, mas ficou para a história. ■

WERNER SCHULZE/PICTURE ALLIANCE/GETTY IMAGES

AS RIDÍCULAS BOLINHAS PRETAS

Um dos apelidos daquele escrete — "Laranja Mecânica" — veio do espetacular, lírico e violento **filme** do diretor britânico Stanley Kubrick, de 1971, e que chegaria pelas bandas de cá apenas em 1978, mas com uma imposição ridícula da censura da ditadura militar: bolinhas pretas que cobriam, desesperadamente, os países baixos dos atores.

DIVULGAÇÃO

O ator Malcom McDowell como Alex DeLarge: a censura da ditadura militar vetou a exibição dos países baixos

EVENING STANDARD/GETTY IMAGES

O gênio que fumava até no vestiário comprou briga com Adi Dassler, o criador da Adidas: guerra fratricida

VESTIU UMA CAMISA LISTRADA E SAIU POR AÍ...

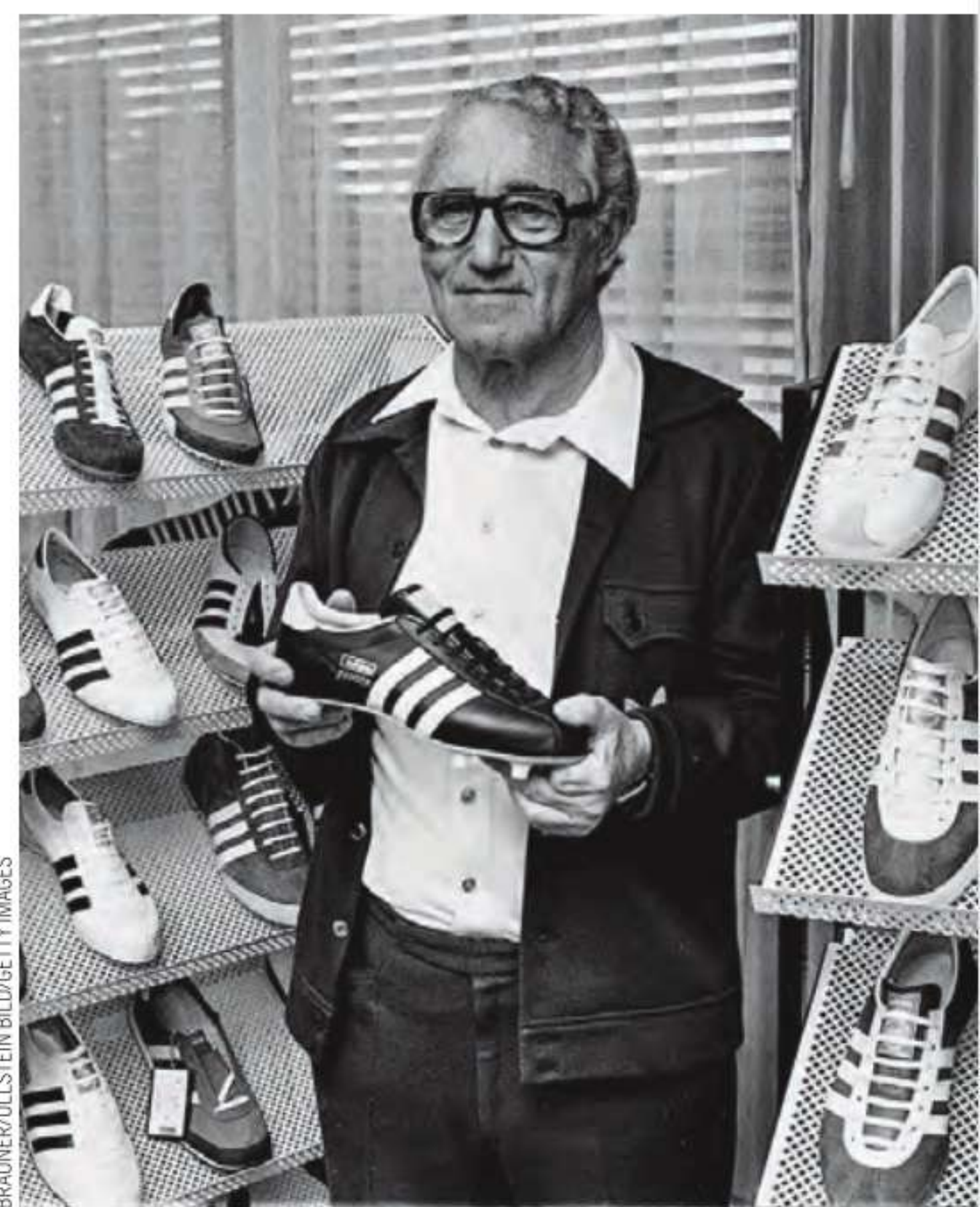
Cruyff não levava um canivete no cinto e um pandeiro na mão, mas sorria quando o povo dizia sossega leão, sossega leão. Gostava, enfim, de uma briga. Como tinha contrato com a Puma e a seleção da Holanda com a Adidas, ele se recusou a fazer propaganda de graça para a marca das três listras, fundada por **Adi Dassler** (a Puma era do irmão alemão). O camisa 14 tirou uma delas e desfilou pelos gramados com apenas duas.

SERGIO SADE

A foto clássica de Sérgio Sade, de PLACAR: mais nada a dizer do time de Rinus Michels

A FORMA DO CARROSSEL

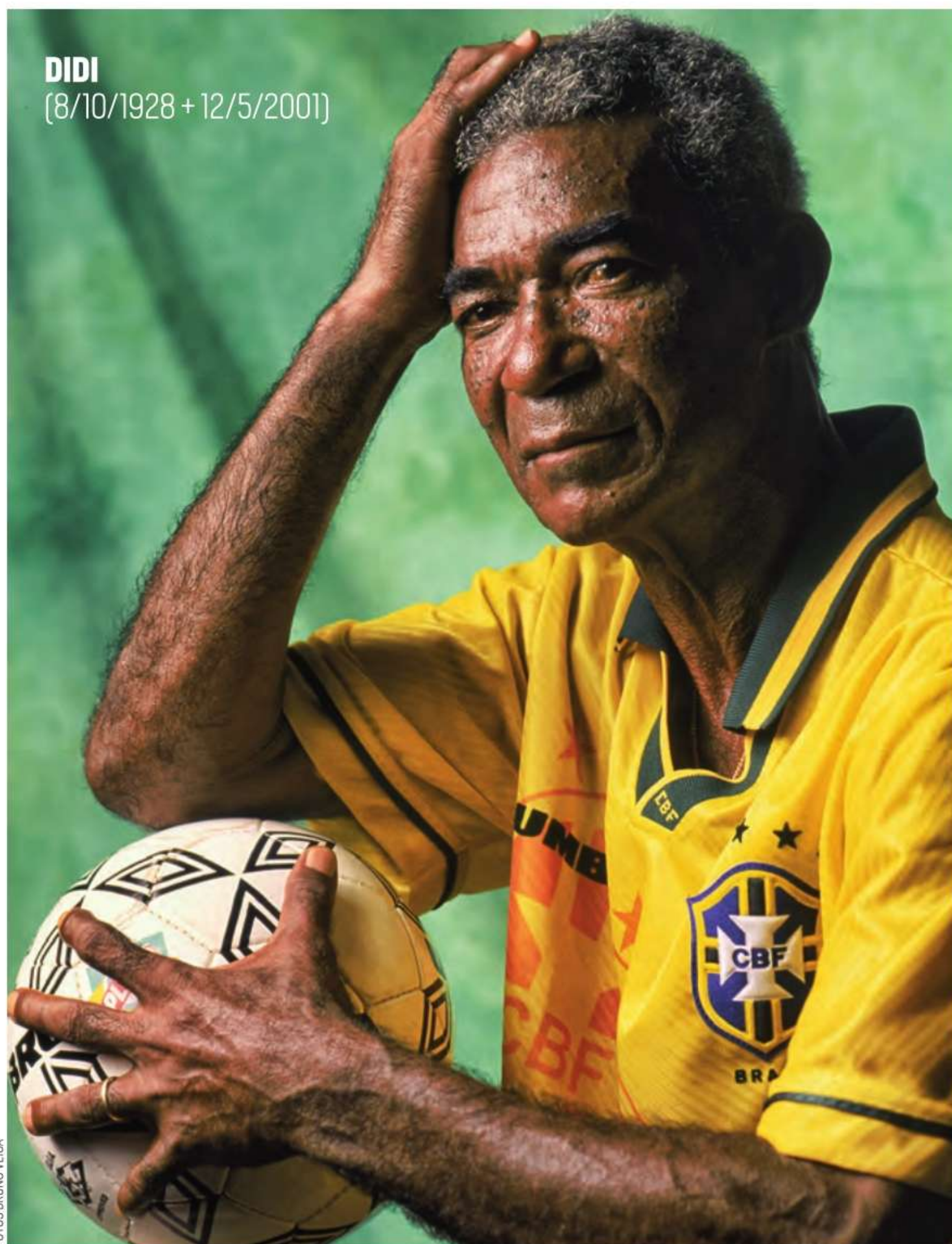
Com o perdão pelo batido chavão: uma imagem vale por mil palavras. A fotografia feita por Sérgio Sade, de PLACAR, na partida entre **Holanda e Argentina, com vitória de 4 a 0** dos europeus, é um manifesto do modo de jogar do time do treinador Rinus Michels: sem posições fixas, um vaivém desconcertante e a impressionante arrancada dos zagueiros para deixar os atacantes adversários em impedimento.

BRAUNER/ULLSTEIN BILD/GETTY IMAGES

LEÔNIDAS
(6/9/1913 + 24/1/2004)

ONZE GIGANTES

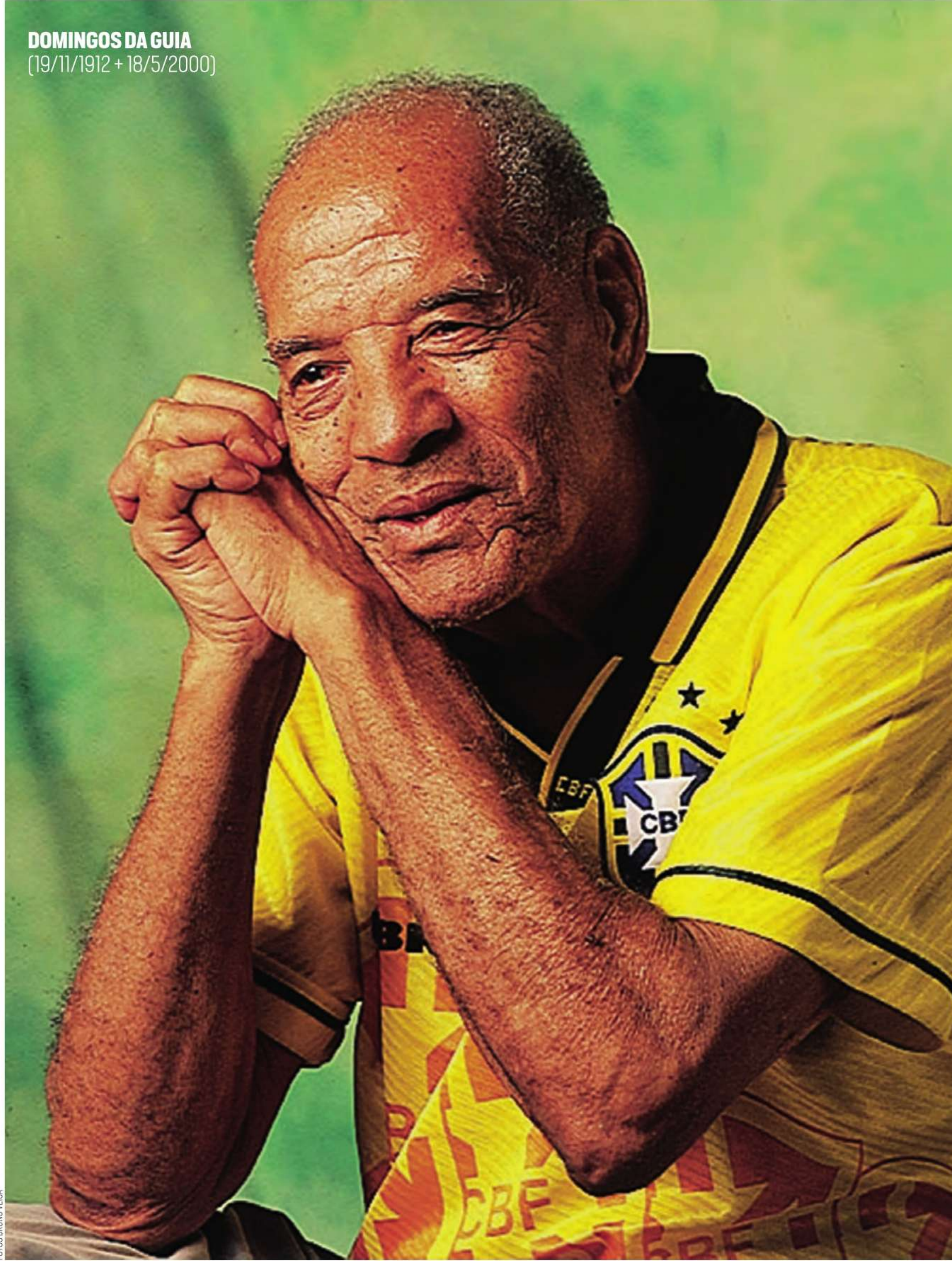
Em 1996, PLACAR ouviu 64 especialistas e montou a seleção brasileira de todos os tempos. O fotógrafo Bruno Veiga levou seu miniestúdio até a casa de cada um deles e fotografou dez craques imortais (só Garrincha já tinha morrido)

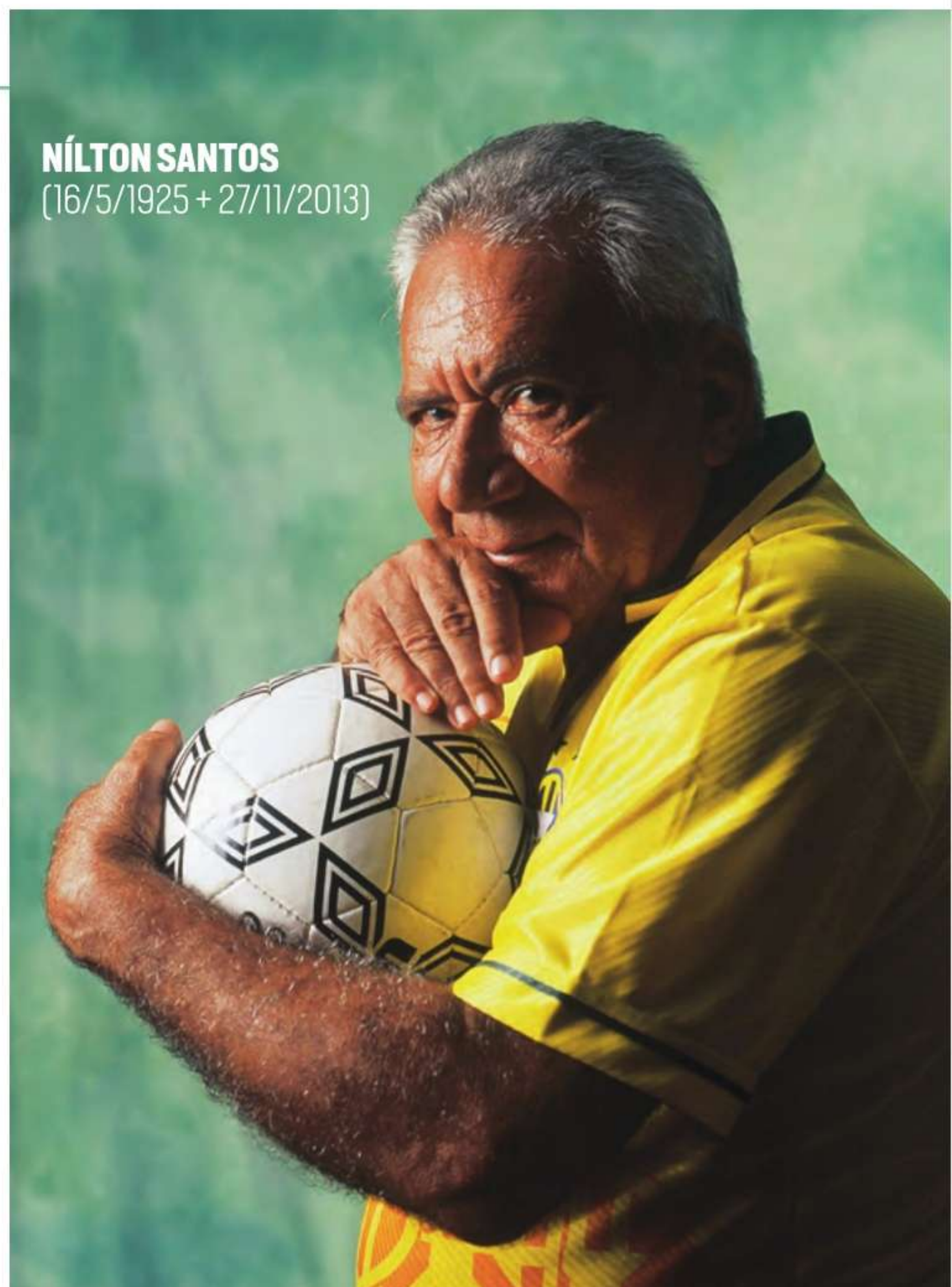
Gilmar; Djalma Santos, Carlos Alberto, Domingos da Guia e Nilton Santos; Zizinho, Didi e Gérson; Garrincha, Leônidas e Pelé. Um time para ninguém botar defeito. Todos já estavam aposentados do futebol, mas tinham deixado sua marca com a camisa amarela mais famosa. Leônidas encantou o mundo nos anos 1930 — jogou junto com Domingos da Guia. Gilmar, Djalma Santos, Nilton Santos, Zizinho, Didi, Garrincha e Pelé já estavam a serviço do escrete canarinho desde a década de 50. Carlos Alberto e Gérson eram os mais jovens, remanescentes (ao lado do Rei) do time tricampeão do mundo no México.

Quando PLACAR montou a seleção brasileira de todos os tempos, em 1996, fazia apenas dois anos que o Brasil havia conquistado o tetra, nos gramados dos Estados Unidos. A revista convidou 64 jornalistas, ex-jogadores estrangeiros e técnicos para participar da eleição. Com o time escalado, o carioca Bruno Veiga foi chamado para produzir o ensaio fotográfico. Hoje vivendo em Lisboa, ele lembra que a solução encontrada foi montar um miniestúdio portátil e levá-lo ao encontro

DIDI
(8/10/1928 + 12/5/2001)

FOTOS BRUNO VEIGA

DOMINGOS DA GUIA
(19/11/1912 + 18/5/2000)

FOTOS BRUNO VEIGA

ZIZINHO
(14/9/1921 + 8/2/2002)

NÍLTON SANTOS
(16/5/1925 + 27/11/2013)

DJALMA SANTOS
(27/2/1929 + 23/7/2013)

dos velhos craques (a maior parte vivia no Rio, mas alguns estavam em São Paulo, e Pelé, então ministro do Esporte, foi clicado em seu gabinete, em Brasília). "Era uma pequena saga, tudo muito cansativo", lembra Veiga. "Eu precisava montar o fundo infinito, um pano pintado por uma artista plástica especialmente para a revista, e todo o equipamento para garantir que a luz ficasse parecida em todas as fotos." Segundo ele, os personagens eram tão relevantes, tão potentes, com uma história tão grandiosa, que o fotógrafo tinha de aparecer o mínimo possível. "Muitas vezes nós queremos brilhar, mas esse é um ensaio cuja principal função era declarar o respeito por esses jogadores fantásticos."

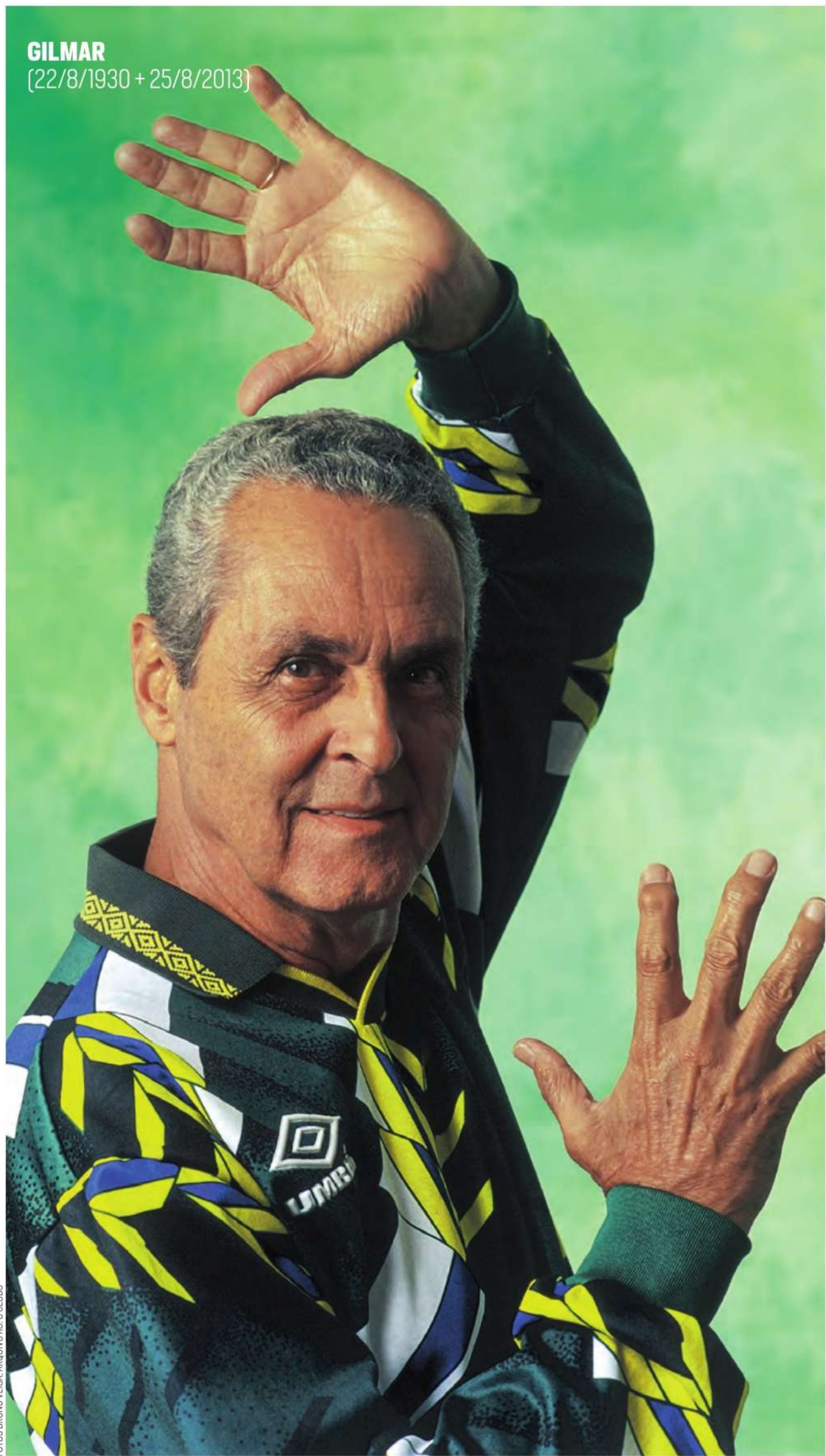
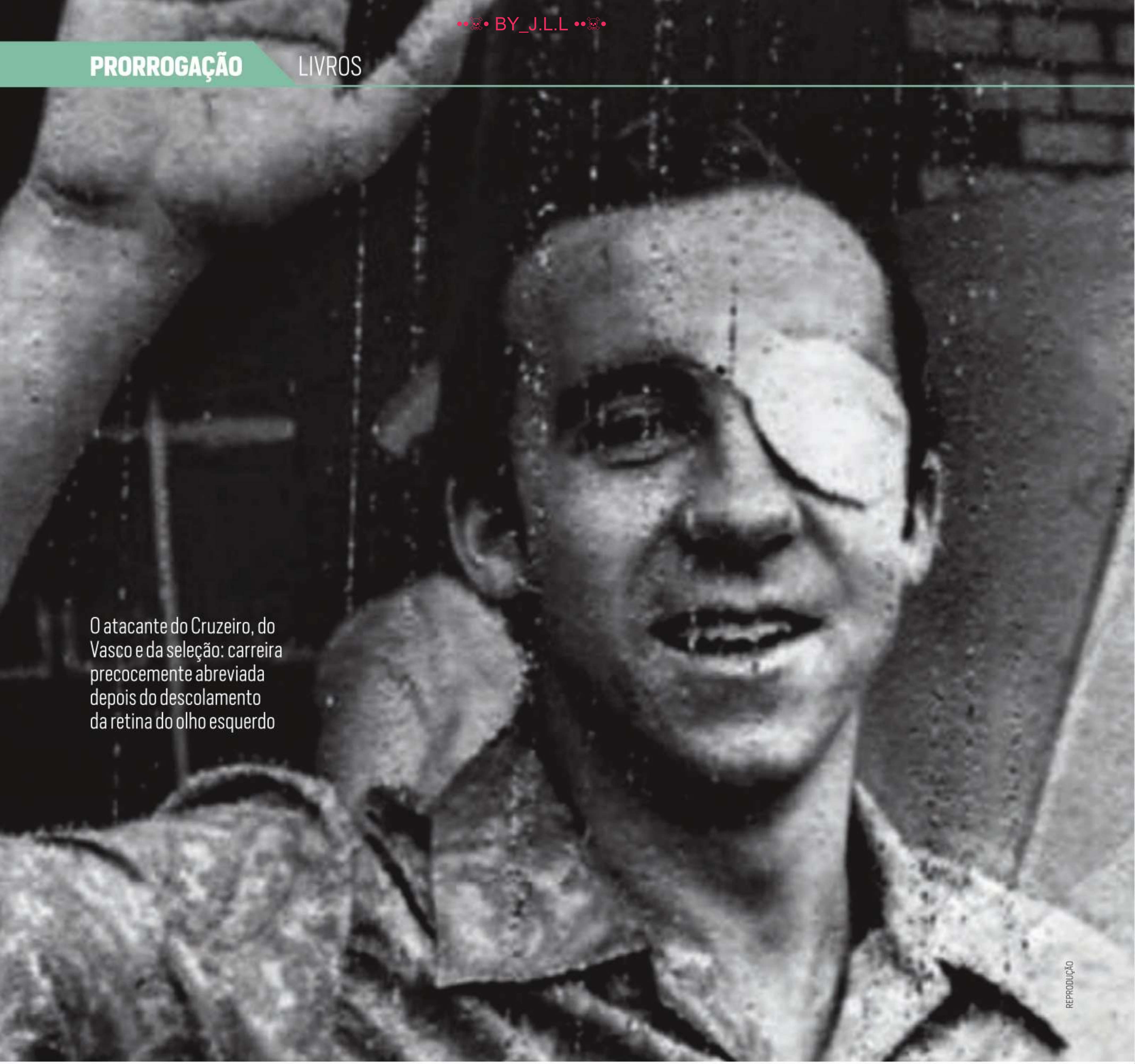
A imagem mais impressionante, na lembrança de Bruno Veiga, é a de Leônidas da Silva. Aos 82 anos, o Diamante Negro vivia em uma

clínica, no interior de São Paulo, e havia perdido a memória. "Fui acompanhado da mulher dele, que se mobilizou muito para estar lá comigo e se expôs muito emocionalmente. Até hoje, só de pensar, fico comovido. Quando a gente entrou no quarto, ele não a reconheceu, tampouco gostou da ideia de vestir a camisa da seleção." A velha companheira o convenceu a pôr o manto canarinho sobre a camisa de colarinho, com direito a uma boina para completar o visual.

Ricardo Corrêa era o editor de fotografia de PLACAR e conta que a foto de Leônidas causou mesmo grande impacto na redação. "Muita gente nem sabia como ele estava." Na opinião dele, o ensaio todo é uma gigantesca homenagem a esses craques. "Djalma Santos estava com o mesmo peso da época em que jogava e, por isso, se deixou fotografar sem camisa. Gilmar faz uma pose incrível com destaque para as mãos. Nilton Santos tem um olhar incrível. E a mais linda é a do Domingos da Guia, a mais carinhosa." A foto de Pelé, 80 anos em 23 de outubro deste ano, também saiu diferente das outras, por motivos comerciais. Na época, o fornecedor de material esportivo da seleção era a Umbro — o Rei era patrocinado por outra empresa. Assim, Sua Majestade jogou a camisa amarela por cima do paletó e abriu o sorrisão inconfundível, diante do "cenário" montado pelo fotógrafo.

Com o passar do tempo, o ensaio se tornou cada vez mais emocionante. Domingos da Guia morreu em 2000, quatro anos depois da publicação do material. No ano seguinte, foi a vez de Didi. E, um ano mais tarde, Zizinho. Leônidas nos deixaria em 2004. Hoje, apenas Gérson e Pelé estão vivos. As fotos produzidas por PLACAR são um documento histórico, a memória viva dos maiores jogadores de futebol que este país já viu nascer. ■

GILMAR
(22/8/1930 + 25/8/2013)

FOTOS BRUNO VEIGA; ARQUIVO AG. O GLOBO

CARLOS ALBERTO
(17/7/1944 + 25/10/2016)

GÉRSON
(11/1/1941)

PELÉ
(23/10/1940)

GARRINCHA
(28/10/1933 + 20/1/1983)

O atacante do Cruzeiro, do Vasco e da seleção: carreira precocemente abreviada depois do descolamento da retina do olho esquerdo

REPRODUÇÃO

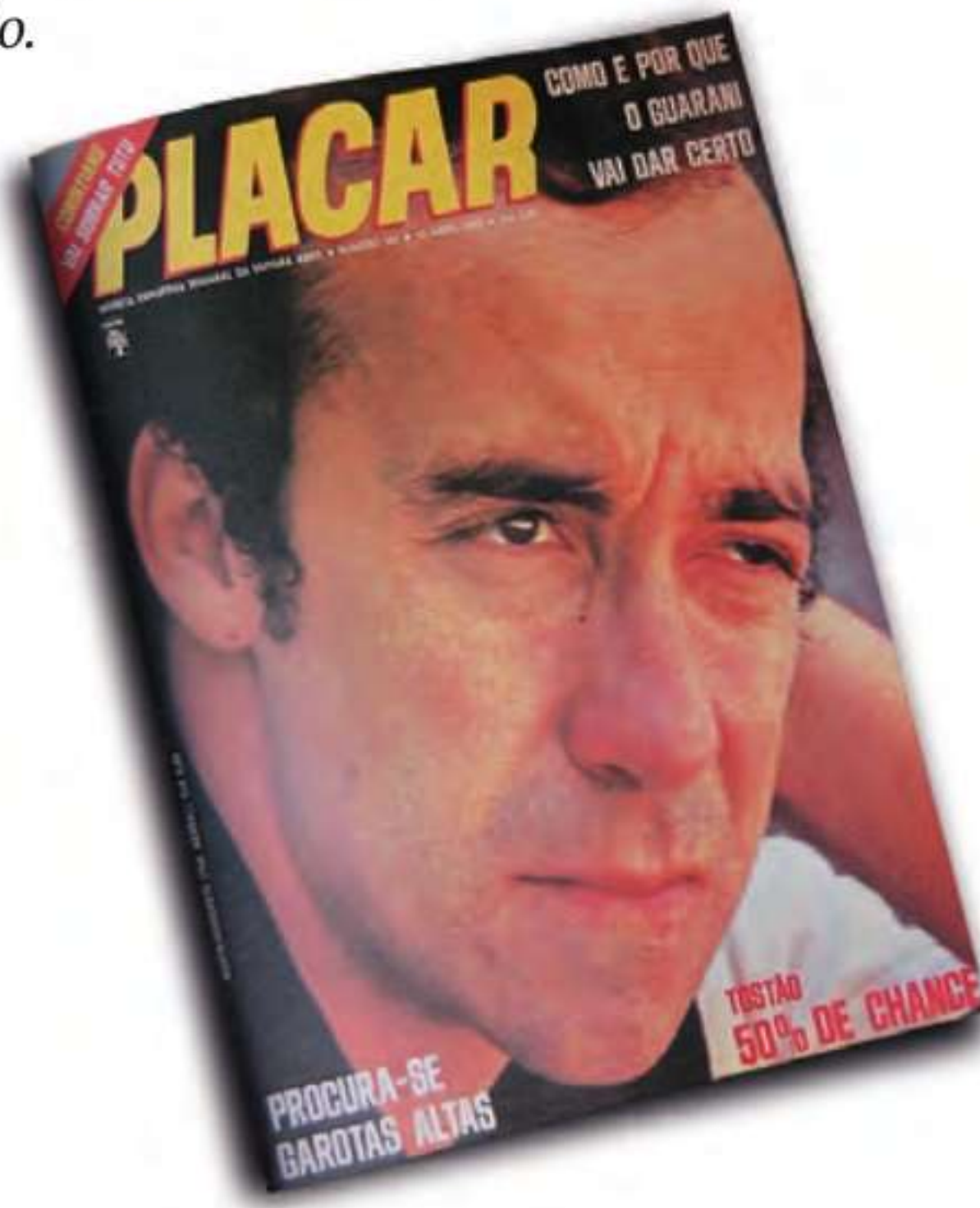
HOUSTON, TEMOS UMA REPORTAGEM

Quando Tostão foi operado para corrigir o descolamento de retina no olho esquerdo, decidiu não dar entrevistas. PLACAR e o jornalista José Maria de Aquino nunca desistiram de ouvi-lo e, em duas viagens à cidade americana onde ele fazia o tratamento, revelaram o drama que levou à aposentadoria precoce do craque

José Maria de Aquino é um dos grandes do jornalismo esportivo brasileiro. Trabalhou na Edição de Esportes *do jornal* O Estado de S. Paulo *(que mais tarde seria remodelada e rebatizada de* Jornal da Tarde*), no próprio* Estadão *e na Rede Globo. No início de 1970, estava na equipe que ajudou a criar PLACAR. Ficou na revista até 1982 e fez inúmeras reportagens — sobre futebol, boxe, Fórmula 1 e outros esportes, além de cobrir os Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, e de Moscou, em 1980. Em 2020, lançou pela Editora Letras do Brasil o livro* Minha Vida de Repórter *(organizado pelo também jornalista esportivo Nelson Nunes), em que conta parte de suas memórias na profissão. A seguir, você lê um trecho do livro em que José Maria de Aquino descreve como acompanhou para PLACAR, nos Estados Unidos, a recuperação do craque Tostão após a cirurgia para corrigir o descolamento de retina em seu olho esquerdo.*

"Tostão tinha estado em Houston, no Texas, EUA, em outubro de 1969, para submeter-se a cirurgia na vista, e voltou lá em abril de 1973, para novos exames com o doutor Roberto Abdalla Moura, médico mineiro que ali clinicava há vários anos e que lhe deu assistência durante o Mundial do México. O jogador tinha trocado o Cruzeiro pelo Vasco, um ano antes, e suspeitavam que o problema na vista vinha se agravando. Muitos achavam que ele dificilmente voltaria a jogar futebol.

A direção da revista, corretamente, decidiu ouvir Tostão. Primeiro, tentou-se optar por uma conversa com ele por telefone, de São Paulo, e nada se conseguiu. A resposta era sempre a mesma: 'O senhor Andrade não atende as ligações. Não deseja, por enquanto, falar com a imprensa', repetiam seus assessores e amigos mais próximos. Depois de algumas tentativas, buscou-se outra saída. Foi contratada a agência internacional Associated Press (AP) para entrevistá-lo. Um tempo de espera, e veio a resposta, também negativa. 'Nada feito, o repórter escalado não conseguiu entrevistar Tostão.'

Naquele instante, a direção da PLACAR achou que era a hora de detonar o plano C: enviar um repórter da revista a Houston. Decisão tomada, eu fui o escolhido para a missão. Mas, como havia voltado de uma viagem a Portugal, perguntei ao diretor se ele podia escalar outro para a viagem. Ele respondeu que não. Eu indaguei a razão. A resposta foi que o outro repórter não podia ir porque não podia 'se ferrar'.

A capa da edição de PLACAR, de abril de 1973, com o relato dos dias do mineiro no hospital americano

— E eu posso?, perguntei ao diretor.

— Sim, você pode, respondeu ele, sem meias palavras.

Era pegar ou largar. E eu não podia entregar os pontos. Sabia as razões para a minha escolha, mas não devia falar sobre ela. Melhor era achar que estava escalado por acreditar que eu cumpriria a missão.

Sem outra saída, argumentei com o diretor que não seria nada fácil entrar no hospital e conversar com Tostão, já que ele se negava a atender o telefone e não deu a menor bola para o jornalista americano da AP. Nossa conversa durou minutos. Foi só até ouvir do diretor uma saída realmente brilhante:

— Se você não conseguir entrar no hospital, mostre como os americanos estão sentindo a presença de um ídolo do futebol brasileiro naquela cidade, sabendo que ele poderá ser forçado a abandonar a carreira de forma prematura, disse, me apontando o caminho da pauta alternativa que acabara de surgir.

Não precisei ouvir mais nada. O argumento me convenceu de que só restava pegar o avião e tentar a sorte. Falar mais o que, depois de tão brilhante proposta? Afinal, o Estado do Texas devia estar acompanhando cada minuto da presença de Tostão em Houston. Apaixonados pelo soccer, os americanos não deviam estar falando sobre outra coisa, pensava eu, com a devida dose de ironia. A viagem estava marcada para dali a dois dias e me restava ir para casa preparar a mala. Na saída do prédio da editora, na Marginal Tietê, vi a imagem de um santo jogada na calçada, peguei-a e enfiei-a no bolso. Em casa, descobri que era de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas, que costumavam jogá-la em lugares por onde passam. Era de chumbo e media uns três centímetros. Guardei a imagem no bolso e, sem me dar conta, levei-a na bagagem, da mesma forma que coloquei na mala um terno, camisa social e gravata, sem imaginar para que serviriam, e se serviriam para alguma coisa. Até ali, só tinha noção do que fazer com as cartas dos familiares de Tostão, que os amigos de Belo Horizonte conseguiram para eu levar, junto com um pacote de revistas da semana e o livro *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, que

No México: o gênio que, sem a bola e permanente movimentação, fez funcionar a engrenagem de Pelé e cia.

LEMYR MARTINS

carreguei com cuidado. Com esse arsenal, pretendia abrir as portas do apartamento do hospital onde Tostão estava. Pretendia levar ainda outra 'arma', porém, com o pouco tempo de que dispunha para preparar a viagem, não consegui achar o último livro escrito pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, que eu sabia ser um dos preferidos de Tostão.

Embarquei sozinho, levando uma máquina de escrever portátil.

Ao deixar o aeroporto de Houston, pedi ao motorista — um loiro alto, cabelos compridos, camisa estampada ao estilo havaiano, tatuagens no braço — para que me levasse ao hotel mais perto possível do Methodist Hospital. Ele me deixou em um motel, ao estilo americano, e não como são os brasileiros, que ficava bem diante ao hospital. Era só atravessar a avenida.

Pedi um apartamento, apanhei a chave, entrei e me joguei na cama. Precisava pensar em como falar com Tostão. Vencer a barreira. Depois de alguns minutos, decidi estudar o local, enquanto o sangue estava quente. Não tinha a menor noção do que fazer. Atravessei a avenida, entrei no hospital, olhei as vitrines das lojas no térreo, o salão de beleza, e acabei indagando à recepcionista pelo doutor Abdalla Moura. Ela respondeu que ele operava, mas que não tinha consultório ali. Só aparecia em dias de cirurgia e para visitar seus pacientes. Perguntei sobre o paciente Eduardo Gonçalves Andrade, e ela me deu o número do apartamento em que estava: 585. Agradeci e voltei para o quarto no motel. Estava cada vez mais tenso e cada vez mais sem saber como agir. Procurei descansar e pensar mais um pouco. Tinha uma chance só. Se ele dissesse que não ia me atender, não adiantaria insistir, buscar novos caminhos. Era um tiro só. A bala de prata!

Depois de alguns minutos, que pareceram horas, tomei um banho, vesti o terno, ajeitei a gravata, segurei firme a imagem de São Cristóvão, para tentar aliviar a tensão, e fui em direção ao hospital, esfregando o santo nas mãos. Peguei o elevador sem fazer alarde. Cumprimentava as pessoas pelas quais passava apenas com um sorriso e um sinal com a cabeça. Saí do elevador, passei pela sala para visitantes, fui pelo corredor por onde, de acordo com os avisos, só poderiam circular médicos, enfermeiros e visitantes autorizados, até chegar ao apartamento 585, onde estava Tostão.

Na porta, comecei a acreditar que o terno servia para que me vissem como alguém que tinha autorização para passar por todos aqueles obstáculos. Para todos, se eu estava caminhando por ali, era porque podia. Confiei na suposição e fui adiante. A porta estava entreaberta e um médico residente conversava com Tostão em espanhol. Aguardei o fim da conversa, sem que pudesse ser visto por Tostão, e, quando o médico saiu, segurei a porta entreaberta e o cumprimentei. Chamando-o não por Tostão, mas pelo nome próprio: Eduardo.

Ele olhou para mim com a frieza de uma lâmina de navalha e, sem me dar qualquer chance, perguntou o que eu fazia ali? O que eu queria? Disse-lhe que estava de férias e que, sabendo que ele estava internado naquele hospital, decidira visitá-lo, como bom amigo. Eu o tinha como bom amigo. Representei, mas não o convenci. A resposta, sempre lacônica, fria, foi que eu não podia entrar. Disse que eu não tinha autorização para chegar ao seu apartamento, o que era verdade. Mas não dava para desistir. Não depois de ter chegado até ali. Não por enquanto. Era impossível ficar calmo, mas era preciso. A gravata começava a apertar o pescoço. O suor escorria pelos braços e pelas pernas. O medo de que alguém do hospital aparecesse e in-

dagasse o que eu fazia ali, do lado de fora do apartamento, porta entreaberta, mas sem poder entrar, era crescente. A angústia aumentava a cada segundo, que pareciam horas. Fiz uma tentativa bem à brasileira.

— Que pena, disse, em tom de lamento. Só vim visitar o amigo. E trouxe cartas de seus familiares, um livro e as últimas revistas brasileiras da semana, apelei.

Ágil, como fazia na área enfrentando ferozes marcadores, Tostão tentou me desarmar.

— Onde estão as cartas, as revistas e o livro?, perguntou-me, constatando que eu estava ali de mãos abanando e, como num jogo de pôquer, blefando.

Não me perturbei, porque, aceitando o diálogo, ele acabaria permitindo minha entrada. E, além do mais, eu realmente tinha levado na bagagem as cartas, as revistas e o livro. Só não tinha o pacote comigo ali, naquele momento.

— Estão no hotel, respondi. Não os trouxe porque não queria que você visse no pacote uma artimanha minha, um jeitinho de chegar até aqui. Antes de tudo, está a nossa amizade. Eu jamais agiria assim. Mas, se não posso mesmo entrar, trago tudo daqui a pouco e deixo na portaria, apelei mais uma vez.

Tostão olhou por instantes para a mulher, Vânia, sentada junto à janela, mas não lhe disse nada. Foi minha salvação, porque a sensação era de que o chão, naquele metro quadrado que eu estava, junto à porta, já estava molhado de suor.

— Ele é seu amigo, Eduardo. Que mal há?, ponderou Vânia, quase consentindo minha intromissão fortuita.

— Tudo bem, entra!, disse ele, finalmente. Mas nada de falar sobre futebol, advertiu, como imposição.

— Combinado. Já disse, estou de férias, repeti, sentindo que ele não acreditava nessa versão fantasiosa. Melhor assim, desse jeito ele saberia que era só um artifício para falar com ele e ganhar tempo.

Entrei, olhei pela janela, vi atletas correndo numa pista ao lado e fiz um ligeiro comentário, enquanto procurava palavras para o pontapé inicial. Antes que eu achasse o melhor caminho, Tostão voltou a falar:

— Viu quem está lá fora e que ainda não autorizei a entrar? Respondi que não, e era verdade.

Ele então fulminou, outra vez:

— Agora sou levado a permitir que eles subam.

Os visitantes eram o presidente do Vasco, Agathyrno Silva Gomes, e o médico Diomedes Guimarães. Logo que entraram, Tostão fez as apresentações de praxe de forma bem rápida. Nos cumprimentamos, mas os dois não se ligaram na minha presença. A visita foi rápida e nada amistosa. O presidente acusou Tostão de saber que dificilmente voltaria a jogar, juntamente com o Cruzeiro, quando se transferiu. Falou em devolução de dinheiro por parte de Tostão, em rescisão de contrato e outras coisas. Tudo em tom bastante ríspido. Tostão respondeu da mesma forma. Um dizia que não pagaria mais nada, o outro afirmava que queria receber tudo. Era questão para a Justiça decidir.

Muito bravo, sem ter mais o que falar, o presidente Silva Gomes levantou-se para se despedir, e só quando me estendeu a mão novamente pareceu me reconhecer. Arregalou os olhos e balançou a cabeça, como querendo perguntar se eu era mesmo quem ele estava imaginando. Facilitei as coisas, balançando a cabeça afirmativamente. Eu era quem ele estava pensando. Foi quando ele me fez um convite:

— Houston tem um shopping maravilhoso. Você o conhece?

— Não, não conheço. E acho melhor não conhecer. Acho melhor deixar assim. O presidente insistiu mais uma vez no convite e minha resposta foi a mesma;

— Deixa assim, presidente! Deixa ficar como está.

Ele perguntou se eu estava de saída. Respondi que não, e ele se foi. Tostão não tocou mais no assunto. Nem eu. Logo que a porta foi fechada, após a saída do presidente e do médico vascaínos, Tostão me perguntou sobre a seleção brasileira. E eu, agora tranquilo, brinquei com a situação:

— Mas você não disse que não íamos falar de futebol?

Ele queria. Vânia, meu anjo da guarda naquela circunstância, continuava tricotando junto à janela, alheia. Nós dois, enfim, respiramos um pouco e a conversa fluiu bem. Falamos de tudo, especialmente de futebol.

Conversamos sobre a renovação que Zagallo pretendia fazer na seleção brasileira com vistas ao Mundial de 74, na Alemanha, para o qual o Brasil, por ter conquistado o tricampeonato no México, já

O tricampeão do mundo, hoje: o mais arguto cronista esportivo do país escreve para a *Folha de S.Paulo*

tinha vaga garantida. Recordamos da visita que fiz a ele em Marataízes, em janeiro de 1970, quando estava lendo pela terceira vez *O Poder do Pensamento Positivo,* de Norman Vincent Peale. Falamos da sua vista, da possibilidade de não mais voltar a jogar bola. Se era verdade que Pelé ia voltar à seleção brasileira, com ele achando que não iria, porque seria muito difícil o Rei encontrar, quatro anos depois, a mesma motivação que tinha no México. Envolvido na conversa, Tostão revelou sua torcida para que Pelé tomasse a melhor decisão.

— Tomara que dê tudo certo, mas para que se iludir? Acho que não daria para ele ficar tinindo até lá, analisou, projetando o futuro do Rei.

Tostão falou ainda da sua lua de mel no Havaí. E combinamos que no dia seguinte eu voltaria para lhe entregar as cartas, as revistas e o livro. Ao retornar, levei comigo também uma máquina fotográfica, que aluguei na portaria do motel. A ideia era documentar minha presença junto com Tostão, como me haviam pedido na editora. Na despedida, em nome da nossa amizade, abri o jogo e confidenciei que estava ali trabalhando, e não de férias. Tostão sorriu, rapidinho como sempre, e não me censurou. Ele sabia desde o início que era assim.

No dia seguinte fiz mais algumas fotos, registrando a saída dele com a mulher do hospital. Dali, eles seguiriam para o apartamento do médico Abdalla Moura, onde ficariam por mais uma semana. E, três meses mais tarde, deveriam voltar aos Estados Unidos para novos exames na vista esquerda. A liberação naquela oportunidade não significava que ele poderia voltar a defender o Vasco, nem mesmo treinar. Nem ele desejava ou pedia para tentar voltar logo. Tanto que suas últimas palavras ao nos despedirmos foram:

— Só volto quando estiver 100%.

O suor ainda escorria pelos braços e pernas quando comecei a escrever a reportagem, no motel que me abrigava. Era sexta-feira e queria mandá-la logo para a redação. Avisei ao Hedyl sobre o bate-boca de Tostão com os dirigentes do Vasco, disse que não ia me referir a ele. Combinei que o trabalho estaria em São Paulo antes do fim da tarde. Eram 10 da manhã. Com a matéria escrita, apanhei o endereço dos correios local e tomei um táxi, crente que seria fácil. Grande bobagem. No correio não havia telex. Só poderia passar telegramas. Nos EUA, naqueles tempos, quem queria utilizar um aparelho de telex fazia o pedido e o recebia em casa ou no escritório em poucas horas.

Não queria usar o telefone. Preferia mandar por telex. Lembrei-me de ter passado defronte à sede do jornal *Houston* quando ia para a agência dos correios, e pedi ao motorista para me levar até lá. Jornalista quebra o galho de jornalista, por que não?, pensei. Peguei o eleva-

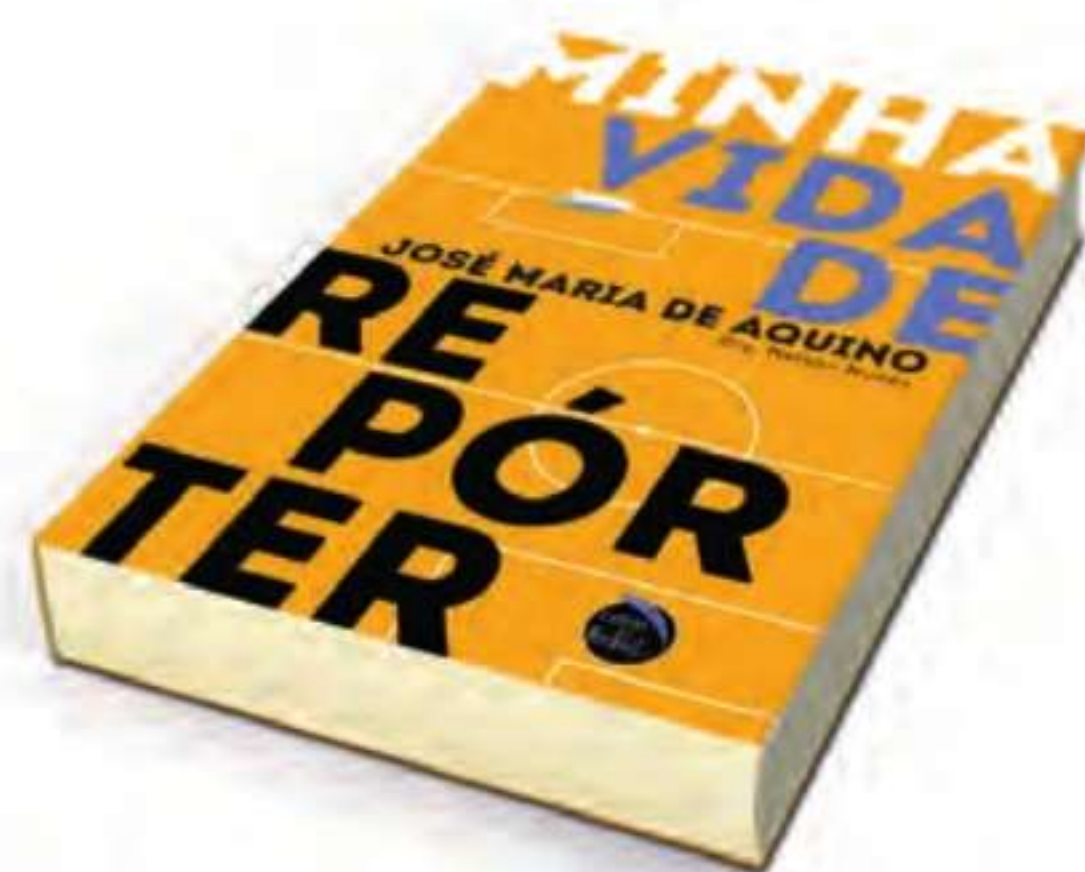
dor, desci diante de uma secretária, expliquei minha situação, ela pediu para que eu aguardasse um pouco e foi falar com o chefe da redação.

A secretária demorou apenas alguns minutos. Quando voltou, disse que eu precisava esperar o fechamento do jornal. Olhei o relógio, passava pouco das 11h30. Ansioso, sem razão, expliquei que tinha pressa e pedi ajuda. Não era fácil viajar sozinho, sem ter certeza de que o trabalho seria feito e, pior, se chegaria a tempo. A secretária voltou a falar com o chefe da redação e retornou com uma boa informação: ele iria me atender às 12 horas.

Fui levado para uma sala e colocado numa mesa diante da dele. Às 12 horas em ponto o tal editor despachou a última matéria e perguntou o que eu precisava. Felizmente ele falava espanhol. Era porto-riquenho. Expliquei e ele disse que não tinha como me ajudar ali no jornal, mas que tudo estaria logo resolvido. Bastava eu ir ao Cotton Building, onde o irmão dele tinha escritório, e falar com a secretária, que me estaria esperando. Fiquei tão contente que me esqueci de perguntar onde ficava o Cotton Building. Saí correndo, mas voltei do elevador, para descobrir o nome da rua e o número do prédio. Era fácil:

— Um edifício de tijolinhos, na metade do segundo quarteirão à esquerda, explicou-me.

Não tive problema. A secretária, também porto-riquenha, Maria das Dores, já me esperava. Apontou o telex e perguntou se eu queria fazer ligação e passar a reportagem ou se preferia perfurá-la antes. A diferença era simples: se enviasse direto, pagaria o tempo todo da transmissão. Se perfurasse antes, para gravar a fita, e só a enviasse depois de chamado por São Paulo, pagaria apenas um dólar. Fiquei com a segunda opção, por razões óbvias. Cerca de duas horas depois estava livre para voltar ao motel e descansar a tarde toda. Missão cumprida! Quando voltei a Houston, tempos depois, para acompanhar os novos exames a que Tostão se submeteu e que determinaram, precocemente, o fim de sua carreira, levei para a Maria das Dores, de presente, um terço de madeira com contas grandes. Ela me havia contado ser muito religiosa.

No dia seguinte, ainda em Houston, decidi ir a uma loja Sears comprar presentes para meus filhos e procurar uma flanela que parecia milagrosa. Passada nos vidros das janelas do carro quando fechadas por causa de chuva ou de neblina, a flanela os desembaça. Tomei um táxi junto ao motel, para viver um momento que jamais esqueceria. Como não sabia o nome correto do produto, procurei explicar ao motorista o que ia buscar. Ele perguntou de onde eu era, e fiquei sabendo que ele, quando jovem, marinheiro, tinha vivido perto de três meses em Santos, mas já não falava uma única palavra em português. Fomos conversando e ele lembrou-se dos filés que saboreou por aqui e reclamou que o governo americano dificultava a importação da carne bovina brasileira, que ele julgava ser saborosa.

MINHA VIDA DE REPÓRTER,
de José Maria de Aquino,
com organização de Nelson Nunes;
Editora Letras do Brasil;
385 páginas;
59 reais

— Eles falam de doenças, mas é uma bobagem. Acho que nunca experimentaram um filé mal passado como aquele que comi perto do Porto de Santos, reclamou, saudoso.

Quando chegamos à Sears, o motorista perguntou se eu queria ajuda. Respondi que sim e ele me acompanhou. Não encontramos a tal flanela e voltamos para o carro. Pedi para retornar ao motel e ele perguntou se eu não queria tentar em lojas especializadas em acessórios para carro. Disse que não, mas ele insistiu. Chamou pelo rádio a central da empresa para a qual trabalhava e pediu endereços. Havia uma loja ali perto. Maldoso, achei que ele queria me enrolar, dando voltas comigo. E ele, vivido na praça, pareceu ler meu pensamento.

— Vamos lá, disse, desligando o velocímetro, o que me deixou envergonhado.

Lá, no entanto, também não tinha a maldita flanela. Mas, na outra filial, longe do motel, mas perto de onde ele morava, tinha. Ele retornou ao estacionamento da Sears, ligou o velocímetro do carro e me levou de volta para o motel. Eu sabia que nem todos motoristas americanos eram assim, claro. Bem como nem todos os brasileiros, em situação idêntica, enganariam estrangeiros, mesmo assim sua atitude ficou martelando na minha cabeça.

No caminho, sempre sorridente e querendo falar de Santos e dos filés brasileiros, ele perguntou quantas flanelas eu queria. Quis saber também a que horas eu deixaria o motel para viajar, na manhã seguinte. Respondi e, bem cedinho, fui surpreendido com o taxista lá na portaria do motel com as flanelas que tanto procurava. Paguei, agradeci, apertei firmemente suas mãos, as duas, e aprendi que no mundo não tem só 'espertos'." ■

"OBRIGADO, BATUTA"

Silva (1940-2020) era um ídolo, mas um ídolo acessível. Os torcedores viam seu desempenho no Maracanã e depois podiam lhe agradecer pessoalmente

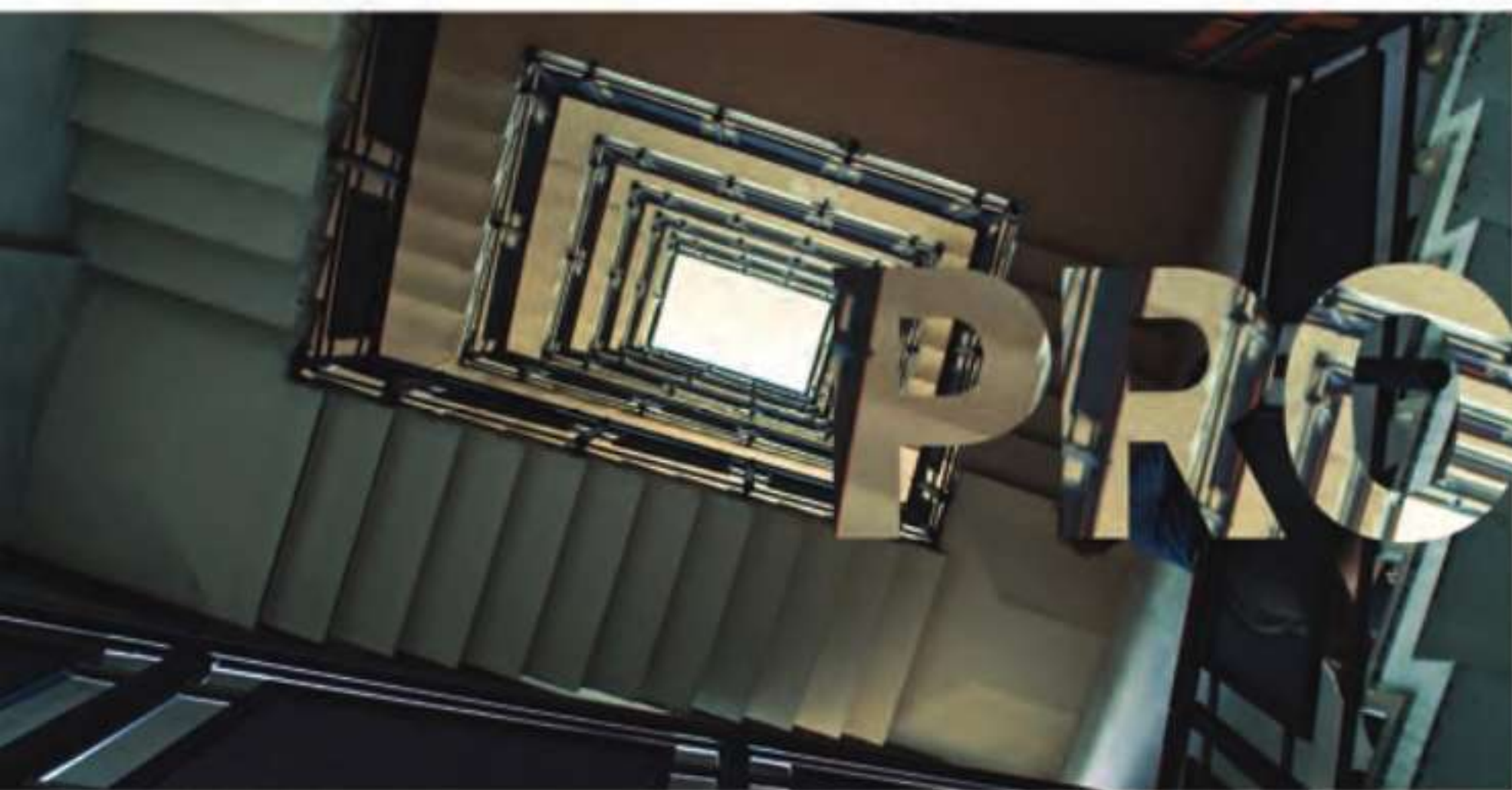
Não sei nada sobre as rodadas recentes do Brasileirão, Libertadores e Copa do Brasil. A notícia da morte de Silva Batuta me fez desligar de tudo. É muito duro entender certas despedidas. Silva Batuta não foi apenas mais um atleta de futebol. Silva Batuta foi um ídolo incontestável, um jogador fabuloso, uma referência. Nota-se pela grossura do livro *Silva, o Batuta: o Craque e o Futebol de Seu Tempo,* de Marcelo Schwob. São 600 e tantas páginas, que contam desde seu início, na base do São Paulo, até o fim da carreira, no Rio Negro, de Manaus. Silva Batuta participou da Copa de 66 e formou o ataque com Pelé na derrota para Portugal. Passou pelo Botafogo e foi campeão carioca pelo Vasco, em 70. Jogou com Tostão, no Vasco, em uma época que o Carioca era fantástico. Certa vez, em um jogo contra o Vasco, eu pelo Botafogo, comecei a fazer embaixadinhas. Buglê e uma turma partiram para cima de mim. Confusão desfeita, jogo rolando, ele, docemente, me aconselhou: "Garoto, não precisa disso".

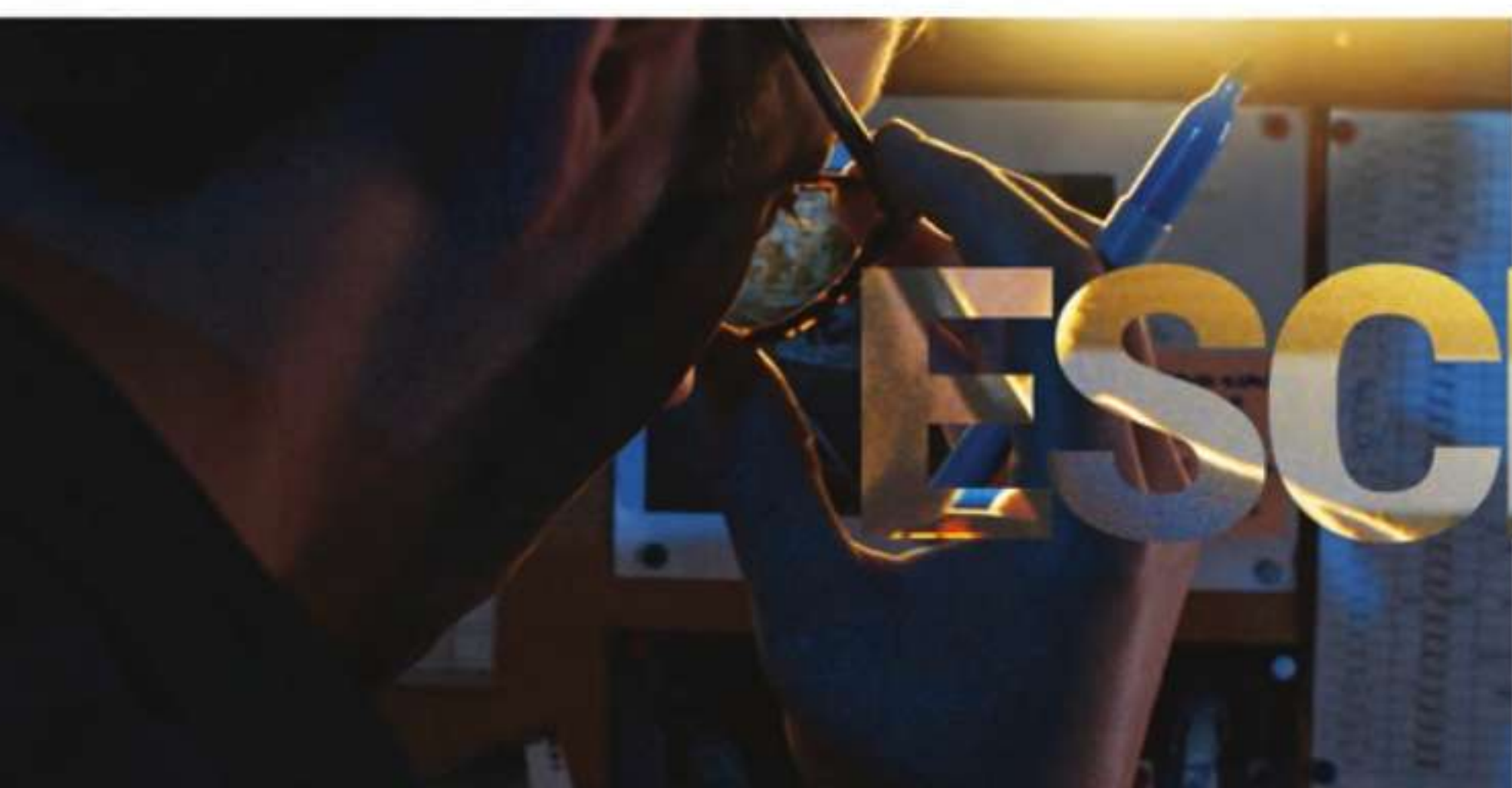
Silva era rubro-negro na veia. Veio do Corinthians, onde fez muito sucesso, para a Gávea e identificou-se totalmente com o vermelho e preto. Pelo que apurei, marcou setenta gols em 132 partidas. É gol pra burro! Mas o mais difícil Silva conquistou, transformar-se em um personagem do futebol, daqueles que a torcida ama ver em campo, que pouco importam os títulos conquistados. Perguntem aos que o viram jogar. Sua elegância, as arrancadas, a cabeçada mortífera e, principalmente, a dominada no peito. Ele, Rei Pelé e Cláudio Adão amorteciam a bola no peito como se declamassem uma poesia. Essa é a beleza do futebol, são esses momentos mágicos que o torcedor guarda para sempre na memória. Silva Batuta chegou a jogar no Barcelona, mas teve problemas com o presidente e voltou para o Brasil denunciando racismo. Silva teve uma filha, também atleta, dois filhos que jogaram muita bola, Wallace e Waltinho. Sempre que eu dava um pulo no Flamengo, visitava Silva. Ele trabalhava na área de eventos do clube. Quando me via, abria aquele sorrisão e vinha lentamente em minha direção, com as pernas arcadas e a voz rouca. Também sempre o encontrava caminhando pelo calçadão de Copacabana, se exercitando. A essência e a paixão pelo futebol diminuíram muito justamente por essa ausência dos ídolos nas praias, boates e restaurantes. Silva Batuta era um ídolo, mas um ídolo acessível. O torcedor, após presenciar aquela dominada no peito espetacular, em pleno Maraca, tinha o privilégio de depois encontrá-lo na rua e agradecer-lhe pessoalmente: "Obrigado, Batuta!".

O craque: Flamengo, Botafogo, Vasco (capa de PLACAR nos anos 1970), Corinthians... e Barcelona

"Ele, Rei Pelé e Cláudio Adão amorteciam a bola no peito como se declamassem uma poesia. Essa é a beleza do futebol."

ESCUTE

PROCURE

DESCUBRA

ESCREVA

PUBLIQUE

REVELE

veja

a História agora